



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**FELIPE SILVEIRA DA COSTA**

**VIVÊNCIA GRUPAL NA POTENCIALIZAÇÃO DE TRAJETÓRIAS PARTICIPATIVAS DE PESSOAS ATENDIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS (CAPS-AD)**

**PORTO ALEGRE, RS**  
**AGOSTO, 2015**

FELIPE SILVEIRA DA COSTA

VIVÊNCIA GRUPAL NA POTENCIALIZAÇÃO DE TRAJETÓRIAS  
PARTICIPATIVAS DE PESSOAS ATENDIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSI-  
COSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS (CAPS-AD)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre no curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva - Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Política, Sistemas e Análise de Situação de Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Silva de Miranda

PORTO ALEGRE, RS

AGOSTO, 2015

#### CIP - Catalogação na Publicação

Silveira da Costa, Felipe

Vivência grupal na potencialização de trajetórias participativas de pessoas atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (Caps-ad) / Felipe Silveira da Costa. -- 2015.

100 f.

Orientador: Alcides Silva de Miranda.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Participação social. 2. Drogas. 3. Grupalidade.  
I. Silva de Miranda, Alcides , orient. II. Título.

FELIPE SILVEIRA DA COSTA

VIVÊNCIA GRUPAL NA POTENCIALIZAÇÃO DE TRAJETÓRIAS  
PARTICIPATIVAS DE PESSOAS ATENDIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSI-  
COSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS (CAPS-AD)

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de mestre no curso de Mes-  
trado Acadêmico em Saúde Coletiva - Escola  
de Enfermagem da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul. Área de concentração: Po-  
lítica, Sistemas e Análise de Situação de Saú-  
de.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Alcides Silva de Miranda

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Maria Gabriela Curubeto Godoy

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

---

Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

À família em que nasci, geradora de várias vidas em minha trajetória.

Aos companheiro e companheiras de vida que me acompanharam em todos os momentos do meu fazer no mundo.

À todas as pessoas que se aproximaram de mim em busca de cuidado e que me ajudaram a cuidar de mim e do mundo, despertando as potências na vida, na amorosidade e na luta cotidiana por outros mundos possíveis.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores Dr. Alcides Silva de Miranda e Dra. Maria Gabriela Curubeto Godoy pelo apoio e instigante orientação durante meu percurso.

Aos professores participantes da banca, Dr. Túlio Alberto Martins Figueiredo e Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian pelas importantes contribuições e sugestões.

Aos trabalhares e trabalhadoras do cenário escolhido pela pesquisa pelo acolhimento e participação essenciais no processo.

Às pessoas participantes do grupo junto ao qual foram desenvolvidos os trabalhos, por compartilhar suas trajetórias de vida de forma tão intensa e ao mesmo tempo leve e amorosa.

“Se vivia como em sonho, também sonhava como escrevia, de sorte que uma aliança literária enleava continuamente suas realidades cotidianas e seu imaginário artístico (...). Seja como for, ele tinha seus sonhos na mais alta conta,...” (Félix Guattari)

## RESUMO

As questões relativas ao cenário das pessoas que usam drogas têm assumido um papel relevante em todas as épocas, particularmente a temática da grupalidade enquanto dispositivo potencializador das mais diversas formas de participação social. Compondo esse aspecto associam-se as diferentes visões relativas ao uso de drogas, muitas vezes antagônicas, que tendem a colocar a pessoa usuária em um lugar de impotência e periculosidade, ou de sujeito produtor de territórios de vida possíveis e significativos. Este projeto visa realizar a cartografia de uma grupalidade enquanto potencializadora de dimensões da participação social de usuários de drogas vinculados a um serviço de saúde que ofereça tratamento a pessoas em uso problemático de álcool e outras drogas. Optou-se por um percurso metodológico que assumisse um olhar desde o referencial esquizonalítico de forma a propor a produção de um saber desde as vivências propostas na possibilidade emergência de dimensões inventivas e não normativas. A inspiração cartográfica situada no contexto da vivência do esquizodrama enquanto proposta de dispositivo grupal vêm, então, associar-se enquanto uma proposta oferecida a um grupo de pessoas participantes de uma atividade corporal desenvolvida em um Capsad da cidade de Porto Alegre. As vivências desenvolvidas serviriam de base à emergência de conteúdos verbais, imagéticos e corpóreos que foram trabalhados no próprio grupo enquanto um processo de reflexão coletiva. Como resultados, foram visibilizadas cenas de trajetórias diversas de participação social de cada uma das pessoas envolvidas. Experimentou-se, então, a proliferação de sentidos dessa participação a partir da intensificação das cenas, questionando-se os pressupostos hegemônicos colocados no mundo. Percebeu-se com esse estudo a emergência da singularidade na (re)criação de cenas desde as trajetórias de participação social das pessoas envolvidas de tal forma que evidenciou-se a potência existente dessa metodologia na percepção do vivido por esses sujeitos. Também a possibilidade deles se construírem enquanto produtores de novos territórios de vida em diálogo com seus desejos e potencialidades ao invés do enfoque em faltas reconhecíveis por encontrarem-se em conflito com a linha de produção de subjetividade hegemônica na sociedade. Palavras-chave: participação social, drogas, grupalidade.

## ABSTRACT

The issues that concern the scenario of people who use drugs have been playing an important role in all times, particularly the theme of grupality as an enhancing dispositive of the most various forms of social participation. Making up this aspect, the different views concerning the use of drugs are associated, though many times antagonistic ones; they usually tend to pose the person that uses something either in a place of impotency and periculosity or of a subject that produces possible and significant life territories. This project aims to make a cartography of a grupality as an enhancing dispositive of dimensions from the social participation of people who use drugs associated to a health service that offers treatment for people with problematic use of alcohol and other drugs. The choice for a methodological course was made with an esquizoanalytical reference as a way to propose a knowledge production drawn from the proposed experiences lived as a possibility of emergence of inventive and non-regulated dimensions. The cartographic inspiration situated in the context of the esquizodrama experience as a proposal of a grupal dispositive associated as a proposal offered to a group of people that participate in corporal activity that takes place in a Caps-ad from the city of Porto Alegre. The experiences developed served as a base for the emergence of verbal, imagetic and corporal contents that were used in the group in a collective reflection process. As a result, scenes from participative trajectories of the participants were put into evidence. Thus, the experiment of proliferation of meaning of this participation starting from the enhancing of the scenes took place; all of this questioning the hegemonic assumptions in the world. It was perceived the emergence of singularity in the (re)creation of the scenes since the trajectories of social participation of people involved in such a way that was put into evidence the potential of this methodology in the perception of the lived by these subjects. Also, emerged the possibility of they being the builders of new life territories in dialogue with their wishes and potentialities, instead of the focus on the perceived deficits as they enter in conflict with the hegemonic subjectivity production line of society. Keywords: social participation, drug, grupality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                    |    |
|--------------------|----|
| 1. FIGURA 1.....   | 56 |
| 2. FIGURA 2.....   | 57 |
| 3. FIGURA 3.....   | 57 |
| 4. FIGURA 4.....   | 58 |
| 5. FIGURA 5.....   | 58 |
| 6. FIGURA 6.....   | 59 |
| 7. FIGURA 7.....   | 60 |
| 8. FIGURA 8.....   | 61 |
| 9. FIGURA 9.....   | 61 |
| 10. FIGURA 10..... | 62 |
| 11. FIGURA 11..... | 63 |
| 12. FIGURA 12..... | 63 |

## **LISTA DE SIGLAS**

Caps-ad: Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas.

CT: Comunidade Terapêutica.

EEUU: Estados Unidos da América.

HNSC/GHC: Hospital Nossa Senhora da Conceição/Grupo Hospitalar Conceição

OMS: Organização Mundial de Saúde

SUS: Sistema Único de Saúde.

TCLE: Termo de consentimento livre e esclarecido.

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>  | <b>13</b> |
| <b>2. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>15</b> |
| <b>3. MARCO TEÓRICO.....</b>   | <b>19</b> |
| <b>4. OBJETIVO.....</b>  | <b>37</b> |
| <b>5. METODOLOGIA.....</b>   | <b>38</b> |
| <b>6. SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO NO ESPAÇO ENTRE A CLÍNICA E A PESQUISA: COMO A GRUPALIDADE POTENCIALIZA TRAJETÓRIAS PARTICIPATIVAS.....</b> | <b>45</b> |
| <b>7. PASSOS NA COMPOSIÇÃO DO ESTUDO.....</b>  | <b>48</b> |
| <b>7.1. Entre estranhamentos e apresentações.....</b>  | <b>50</b> |
| <b>7.2. Da realidade imaginada à imaginação no concreto.....</b>   | <b>53</b> |
| <b>7.3. Produzindo vidas na intensidade da cena.....</b>   | <b>65</b> |
| <b>7.4. Experiências de intensificação da assembleia do Caps-ad.....</b>   | <b>67</b> |
| <b>7.5. Compondo personagens na visualização de territórios de vida a partir do serviço de saúde.....</b>  | <b>70</b> |
| <b>8. CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIVIDO.....</b>  | <b>72</b> |
| <b>9. NA POTÊNCIA DA CENA A POSSIBILIDADE DA EMERGÊNCIA DA SINGULARIDADE.....</b>  | <b>78</b> |
| <b>10. REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>81</b> |
| <b>11. ANEXO 1.....</b>  | <b>86</b> |
| <b>12. ANEXO 2.....</b>  | <b>88</b> |
| <b>13. APÊNDICE 1.....</b>   | <b>89</b> |
| <b>14. APÊNDICE 2.....</b>   | <b>92</b> |
| <b>15. APÊNDICE 3.....</b>   | <b>94</b> |
| <b>16. APÊNDICE 4.....</b>   | <b>97</b> |

## 1. APRESENTAÇÃO

O estudo a que se refere a presente dissertação pode ser considerado na perspectiva de um contexto particular da minha inserção como pesquisador ao longo de trajetórias acadêmica, profissional e pessoal. Elas compõem um quadro que leva aos rumos que toma a proposta de investigação deste projeto; assim, as primeiras linhas aqui escritas configuram uma análise de implicação necessária para situar o lugar do qual formulo minhas reflexões (BAREMBLITT, 2012, p. 149).

A passagem pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará no período de 2000 a 2006 desvelou-me um ambiente com uma lógica ao mesmo tempo instigante e desafiadora. Apostando nesse curso como uma forma de ampliação de possibilidades de atuação acadêmica e de continuidade de um processo de inquietação iniciado na escola, deparei-me com uma realidade extremamente competitiva, excludente das diferentes formas de aprender dos estudantes em contraposição a formas mais solidárias vivenciadas outrora.

Foi então que, a partir das atividades de extensão e articulação com redes e movimentos sociais, construí uma trajetória formativa individual que me abriu novas possibilidades. A vinculação a redes de movimentos sociais de educação popular, teatro de rua, luta antimanicomial, entre outros, mostrou-me outras formas de fazer saúde.

Mais adiante, a prática profissional a partir do lugar de clínico em serviços de atenção psicossocial para usuários de álcool e outras drogas na cidade de Fortaleza no período de 2006 a 2008 colocou-me a questão específica da participação deles na discussão das práticas de saúde mental. A experiência de grupos de formação política de usuários representou o desafio de considerar as singularidades do seu processo em relação às durezas da instituição em acolhê-las, fortalecendo processos de participação social e popular no sistema de saúde.

Nesse contexto envolvi-me com a experiência de formação no campo da Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama, o que se deu no Instituto Félix Guattari, em Belo Horizonte-MG, no período de 2011 a 2013, como importantes na problematização do processo. Surge assim o interesse investigativo da inquietação em contribuir com o fortalecimento de um cuidado que inclua a participação social e política dos usuários.

Motivações de diferentes origens me mobilizam: éticas, sensitivas, afetivas, pragmáticas. Um conjunto de percepções que estava se construindo na prática a partir de vivências pessoais. No entanto, acredito que meu desejo enquanto forma de produção tem sido uma necessidade premente de ir ao encontro do outro, aceitá-lo e ser aceito por ele, dialogar, com-

partilhar a vida, enfim, ousar negar a solidão como destino inexorável.

## 2. INTRODUÇÃO

Este projeto visa realizar a cartografia de uma grupalidade enquanto potencializadora de dimensões da participação social de usuários de drogas vinculados a um serviço de saúde que ofereça tratamento a pessoas em uso problemático de álcool e outras drogas. A temática da grupalidade de usuários de drogas justifica-se pelas lacunas na literatura, sobretudo enquanto dispositivo potencializador das mais diversas formas de participação social. Nessa perspectiva, dar visibilidade às experiências de grupalidade dos usuários pode contribuir na constituição de modos de cuidado alinhados com maior protagonismo dos mesmos, aprofundando a reflexão sobre as políticas públicas de saúde na temática sobre as drogas.

Alguns estudos que se debruçam sobre o uso de drogas vinculado a situações de violência, problemas de saúde, pobreza e estigmatização social demonstram que trajetórias de participação social dos usuários podem representar uma das estratégias reativas a esses contextos, caracterizadas como formas de resistência. Estas situam-se nos mais diversos âmbitos, tais como: trabalho, lazer, convivência familiar e estratégias para conseguir sustentar o próprio consumo de drogas (MENDONÇA FILHO, 2010; EPELE, 2012; LOMBA; APÓSTOLO; CARDOSO, 2012).

Ainda no que tange à questão da participação há estudos específicos relacionados à participação social a partir da dimensão do trabalho. Para tal, haveria aquelas formas de trabalho mais adequadas à inserção de pessoas com uso de drogas por proporem relações capazes de dar continência e compreensão aos processos vivenciados por elas nas situações de trabalho, ao invés de uma estrutura autoritária e centralizadora (LO, 2011).

A participação enquanto atividade laboral é alvo de observações que identificam culturas organizacionais relacionadas ao uso de drogas. Assim, usuários tendem a se adequar a determinadas rotinas que agem de modo sinérgico aos padrões de efeitos que a substância que usam proporciona. Dessa forma, passam ao uso de drogas para dar conta de jornadas extenuantes e perigosas, conflitos de poder e aceitação grupal (ROBERTO *et al.*, 2002).

Têm-se também as reflexões relativas à estratégia de redução de danos enquanto criadora de um contexto de participação dos usuários de drogas a partir de um viés mais amplo, considerando-os como sujeitos de direitos e capazes de inserir-se na sociedade em seus mais diferentes espaços. Essa perspectiva postula o respeito às limitações e potencialidades singulares de cada pessoa, partindo dessa singularidade como norteadora de estratégias de inserção social. (QUEIROZ, 2001; ROMANÍ, 2008).

Com relação a contextos de participação específicos no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil e, dentro dele nos serviços específicos para tratamento de drogas, não existem artigos específicos em bases de dados brasileiras trabalhando o desenvolvimento de processos participativos enquanto estratégia de controle social. Tais lacunas reforçam a importância de mais estudos sobre essa temática, como o que pretendemos realizar.

Segundo a Política Nacional de Atenção à Saúde Integral de Usuários de Álcool e outras Drogas, existe no Brasil uma necessidade premente de garantir o acesso ao cuidado em saúde para esses usuários. O discurso hegemônico de estigma e homogeneização acerca dessas pessoas concorreria para uma limitação de acesso, e por isso entende-se a importância não apenas do acesso físico aos serviços, mas também de determinadas práticas de cuidado integral (BRASIL, 2003).

Tal fato denota o campo de reflexões a ser explorado acerca do lugar das estratégias participativas no âmbito dos serviços de saúde. Junto a isso coloca-se a série de estratégias sistematizadas a partir das políticas brasileiras de cuidado nesse campo que referendam o estímulo à participação e ao controle social como importantes estratégias de cuidado (BRASIL, 2001; BRASIL, 2003; BRASIL, 2010).

Observa-se, ainda, a escassez de artigos específicos em bases de dados que tratam das práticas de profissionais de saúde mental no Brasil quanto ao trabalho específico em serviços de tratamento a usuários de álcool e outras drogas. Assim, haveria todo um conjunto de práticas de pessoas usuárias de drogas, em relação ou não a serviços de saúde, que permanecem sem visibilidade. Tratam-se de verdadeiras trajetórias de participação que podem revelar-se enquanto potência no cuidado em saúde por possibilitarem a articulação de inúmeras dimensões da vida, contribuindo para efetivar o cuidado integral (MATTOS, 2004).

Este estudo coloca, então, a perspectiva de desenvolver uma leitura possível dessas trajetórias visibilizadas dentro do contexto de uma experiência grupal, sem necessariamente ocupar-se da descrição exaustiva das mesmas, mas debruçando-se sobre o vivido no grupo enquanto processo recriador e potencializador delas. Considerando que se trata de uma temática complexa, optamos por utilizar a cartografia associada ao esquizodrama como forma de apreensão das diferentes dimensões do processo, buscando uma produção do conhecimento a partir de uma abordagem rizomática e não linear, de maneira a dar conta da complexidade das trajetórias de vida no que diz respeito às diferentes formas de grupalidade e participação. Ao mesmo tempo, pretendemos explorar a relação existente entre o pesquisador e o seu campo de pesquisa com o suposto “objeto”, considerando que ambos se afetam mutuamente a todo

momento (ROMAGNOLI, 2009; BAREMBLITT, 2010).

Como oportunidade privilegiada para desenvolvimento do percurso de pesquisa, foi eleita a composição com o processo grupal em curso de um grupo de um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e outras Drogas em Porto Alegre. Para tal, foi proposta a visibilização de uma grupalidade a partir de outros olhares possíveis.

O vocábulo “gropo” ou “grupo” surgiu pela primeira vez no século XVII como nomeação de um modo artístico de um grupo de pessoas, tendo se expandido em seu significado para designar um conjunto de pessoas por volta do século XVIII e instituição a partir do século XIX. A emergência de tal vocábulo não ocorre de modo dissociado dos movimentos sociais, políticos, econômicos e culturais da época que via o surgimento do ideal da burguesia enquanto classe dominante, detentora da subjetividade própria ao capitalismo. Ou seja, a primazia do indivíduo enquanto único responsável pelas conquistas decorrentes do seu esforço e, junto com ele, da família burguesa (o grupo mais importante segundo essa linha de pensamento) enquanto unidade de produção serializada de uma subjetividade dominante, considerada saudável. Tratam-se de unidades desterritorializantes na medida em que rompem a possibilidade de criação de territórios existenciais de forma espontânea, a partir das afecções possíveis no momento, propondo indivíduos que se lançam ao mundo de forma cada vez mais desconectada com o mundo em que está inserido. Pelo contrário, passa a comprometer-se, segundo essa lógica, a um mundo que não é o da imanência, mas o da mistificação que se produz a partir de como ele se insere na linha de produção de subjetividade capitalística (BARROS, 2013; SAIDÓN, 2008).

Em contrapartida, a partir do surgimento dos movimentos de massa, outros modos de subjetivação acabam por estabelecer olhares diferenciados sobre os fenômenos sociais. Aqui o foco, ao invés do indivíduo, passa a ser a sociedade. Entretanto, não necessariamente desvinculados dos modos de produção de subjetividade próprios do capitalismo em curso (BARROS, 2013).

A emergência do grupo enquanto uma instituição vem a oferecer uma resposta possível ao lidar com a confluência entre indivíduo e sociedade, produzindo um espaço de transição. Destacam-se aí os elementos do círculo, o laço e o número de participantes. O círculo constituiu-se como um facilitador de intercâmbios horizontais, democráticos e, por vezes de um maior controle do responsável pelo grupo daquilo que ali acontece por permitir um olhar mais bem distribuído a todos os participantes. O laço seria um elemento fundante e ao número restrito deu-se a característica de enquadre de trabalho.

O desafio de constituir-se enquanto um espaço de transição coloca a possibilidade de rompimento com o dualismo entre indivíduo e sociedade, mas isso nem sempre se apresenta na prática. De fato, seria possível a partir das práticas de grupo simplesmente reafirmar os essencialismos do indivíduo e da sociedade traduzidos em um olhar para o processo grupal que o considere um mero ajuntamento de identidades submetidas de forma hierárquica à grande macroestrutura que organiza a sociedade (BAREMBLITT, GUATTARI, LEITÃO, 1986; BARROS, 2013; SAIDÓN, 2008).

Propõe-se a partir do olhar proposto para esse estudo a possibilidade do grupo ou “grupelho”, como nomeado por Guattari em seu texto “Somos todos grupelhos”, como um fazer ressoar e uma intensificação da diferença e da singularidade na sua produção incessante. Referia-se a isso como um aspecto molecular desse grupo em oposição a uma molaridade que se estabelecia na produção de um comum, simplesmente calcada na sociabilidade, na adaptabilidade e na semelhança que conformam o grupo social manifesto enquanto algo instituído. O inconsciente ali habitaria figuras que falam da arte, da revolução, da análise a derivar de linhas pré-concebidas nas teorias hegemônicas e lugares-comum do funcionamento grupal “saudável” (GUATTARI, 1987).

Desse modo, apresenta-se a questão principal que vem a animar o estudo: como a constituição uma grupalidade instituinte poderia potencializar trajetórias participativas em uma aproximação com usuários de serviços para tratamento de álcool e outras drogas?

### 3. MARCO TEÓRICO

Apresenta-se, a seguir, o delineamento teórico com o qual será construído um diálogo e que vai demarcar a compreensão a respeito do uso de drogas e participação social adotadas neste projeto.

O modo como foi se desenhando o pensamento sobre as políticas de drogas de hoje, baseadas na proibição de algumas em detrimento de outras, seria um construto formado a partir da progressiva valorização e legitimação do conhecimento oriundo da ciência moderna. Seria a partir daí que o poder sobre os corpos e as substâncias utilizadas sobre eles teria sido apropriado pelos cientistas, em contraposição a um suposto obscurantismo que reinava até então com os especialistas populares da cura. Este poder viria a determinar um campo médico farmacêutico responsável pela regulamentação do uso do medicamento de forma agora central e desvinculada das dimensões ritualísticas associadas ao chamado ‘remédio’ nas culturas tradicionais (ROMANÍ, 1999).

Além disso, concorrem para esse pensamento uma sequência de interesses político-econômicos de diferentes países que tiveram início no modelo de desenvolvimento e formação dos Estados Unidos da América (EUA). Este país, a partir de suas políticas interna e externa, iniciou os primeiros movimentos no sentido legal para a proibição do consumo de determinadas substâncias, inicialmente o ópio a nível internacional, importante produto financiador do seu principal concorrente, o Império Britânico. Subsequentemente, outras substâncias como álcool, maconha, e, posteriormente, cocaína e o próprio ópio no âmbito interno. Havia dessa forma o desejo de afirmar a identidade daquele país a partir da afirmação de valores vinculados a um grupo social de etnia branca, anglo-saxã e protestante. O esforço puritano-higienista serviria para eliminar traços multiculturais dessa sociedade, já que as substâncias supracitadas estavam estreitamente vinculadas a grupos de imigrantes, aos quais deveriam ser reservados lugares subalternos na sociedade da época. A essa moral puritana associaram-se interesses econômicos oriundos de setores industriais ameaçados pela concorrência de produtos como o cânhamo, que poderia substituir o algodão, a celulose ou as fibras sintéticas (ROMANÍ, 1999).

Estas visões viriam a ser corroboradas pelo positivismo médico-científico que justificava a completa eliminação do problema ao criar quadros patológicos assemelhados a novos infernos a serem evitados a todo custo; similares aos vigentes no decorrer do misticismo reinante antes do advento da ciência moderna. Assim, todo um aparato técnico é,

então, pensando no sentido de eliminar o uso de drogas em todas as suas formas (ROMANÍ, 1999).

Esse projeto proibicionista lançou as bases para a elaboração de uma ampla agenda da comunidade internacional visando à criação de uma base legal para a proibição de diferentes drogas em todo o mundo. Assim, temos como marcos históricos a conferência de Shangai (1909) e o tratado de Haia (1912) que serviu de base para os tratados seguintes de Versalhes e Genebra (1919 e 1925, respectivamente). (OLMEDA, M.-C.A., 2013)

A citada conferência, resultado do debate suscitado a partir da aquisição pelos EEUU das Filipinas após a guerra contra a Espanha, dedicou-se à questão do monopólio do ópio. Decidiu por considerar o uso não médico dessa substância proibido ou sob cuidadosa regulamentação que, com o passar do tempo, seria cada vez mais restritiva por parte dos países signatários.

O tratado de Haia de 1912, além do ópio e da morfina, incluiu também a heroína e a cocaína por terem se tornado problemáticas. Teve ênfase nas declarações dos perigos em fumar ópio e do seu comércio fora do contexto de tratamento medicamentoso.

O tratado de Versalhes de 1919, marco da declaração de paz após a I Guerra Mundial, foi também mais legitimador das políticas de Haia. Como somente cinco dos cinquenta e oito signatários haviam cumprido as determinações, a inclusão das proibições neste novo acordo foi uma tentativa de colocar sob a tutela da recém-criada Sociedade das Nações, a fiscalização das ações acordadas. Nascia, assim, o proibicionismo planetário que teria outro capítulo escrito a partir das resoluções de Genebra de 1925 pensadas no âmbito da Sociedade das Nações tratavam de tornar realidade os dispositivos de Haia, 1912.

No Brasil, a legislação referente ao tema foi inicialmente pensada em 1938 com o decreto-lei 891. Tal legislação versava sobre o controle de substâncias entorpecentes, definindo aquelas de uso médico e outras completamente proibidas (BRASIL, 1938).

Foi somente a partir de 1976 que surgiram regulamentações específicas voltadas ao tratamento de pessoas em uso de substâncias psicoativas através de uma recomendação na lei 6368/1976. Podendo ser implementada de acordo com a necessidade e a possibilidade existente em cada local, a questão permanece, ao, colocada em segundo plano (WANDEKOKEN; SIQUEIRA, 2011).

Até então o Brasil conhecia como estratégia mais difundida as comunidades terapêuticas (CTs), que foram criadas a partir de 1970 e se expandiram a partir do vazio do Estado em ocupar esse papel. Não podemos esquecer que essa época se situa no contexto anterior à cria-

ção do Sistema Único de Saúde (SUS), fortemente marcado pela transferência da responsabilidade pelo cuidado à saúde para instituições privadas a partir da contratação de serviços (WANDEKOKEN; SIQUEIRA, 2011; GIOVANELLA *et al.*, 2012).

Em oposição a essa situação encontram-se as políticas públicas oficiais que, desde a o advento do SUS e, posteriormente, da lei 10216/2001 e a adesão do Brasil à declaração de Caracas da Organização Mundial de Saúde (OMS), procuraram reorientar a atenção em saúde mental, incluindo na última década o cuidado às pessoas usuárias de drogas. Propôs-se uma progressiva substituição de um modelo de atenção asilar, fechado e com práticas de violação de direitos humanos básicos, para serviços de base comunitária, acessíveis, descentralizados e participativos, em estreita vinculação com a atenção básica, com a centralidade em estratégias psicossociais visando ao exercício de autonomia e à produção de maior contratualidade social (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1990; ROMANÍ, 1999; BRASIL, 2001a).

Outra questão a ser considerada para a contextualização do cenário de pesquisa diz respeito às diferentes concepções existentes hoje que caracterizam tanto as pessoas que usam drogas, particularmente aquelas com padrão de dependência, quanto o padrão de uso. Apresentaremos, então algumas discussões teóricas vigentes sobre o uso de drogas, como as advindas da Psicanálise e das classificações médicas.

Em autores como Freud e Lacan, têm-se o campo de investigação do problema localizado na experiência da pessoa usuária mais do que na consideração de que a toxicomania seria uma categoria específica. Seriam nas teorias pós-freudianas que a atenção passaria para uma perspectiva conceitual das relações de objeto articulando concepções como a da regressão libidinal ao estágio precoce de um “orgasmo alimentar”. Estabelecer-se-ia uma satisfação que imporia uma organização sexual artificial, auto erótica, baseada no modelo da masturbação infantil que viria em última instância a substituir o próprio ato sexual (SANTIAGO, 2001).

A posição expressaria uma recusa ao gozo fálico que seria o hegemônico na sociedade e, segundo essa matriz teórica, o responsável pela formação da civilização patriarcal em suas relações de poder, trabalho, produção, entre outros. Sob essa perspectiva, o referencial assumido seria o de um universo matriarcal em que a noção de tempo situa-se no instantâneo, gerando uma noção de eternidade. Isso explicaria as constantes aproximações com situações em que a pessoa usuária se coloca em risco de morte (LEMOS, 2004).

Algumas considerações acerca do funcionamento mental da pessoa com toxicod dependência dizem respeito a estruturas de personalidade consideradas típicas. Nesse viés estão

aqueles que defendem estruturas depressivas, outros, neuróticas (MAGALHÃES,LM.N., 2008; NETO 1990). Existem também as considerações referentes a aspectos como a luta entre os instintos de vida ou morte e a personalidade ciclotímica.

Em outra ocasião foi salientada uma dificuldade em assumir uma posição depressiva a partir de, em tenra idade, ocorrer um evento definidor do funcionamento mental (ROSENFELD, 1960).

Haveria, ainda, segundo outra construção teórica, características dominantes do quadro clínico dos toxicodependentes, a saber: manifestações de comportamento específicas, carências de imaginário e carências identificatórias, estas últimas frustradas, assemelhando-se a imitações. Segundo essa visão, acrescentar-se-iam aos vieses estruturais essencialistas uma reflexão acerca das influências do meio social na produção do quadro de toxicodependência, situando-o desde um viés que transporta à dinâmica social abordagens similares àquelas propostas para explicar a constituição da estrutura psíquica do indivíduo, ou seja, com estruturas definidas para o funcionamento do fazer social que se organizariam de forma disfuncional, gerando indivíduos toxicodependentes (OLIEVENSTEIN, 1990).

Coloca-se existência de um vínculo infantil e funcional que se ocupa meramente da satisfação de necessidades básicas, do alívio de experiências de desprazer e angústia é a base de uma compreensão que determina uma relação de objeto que não permite a outras construções possíveis da mente. Refere-se à existência de insuficiências centrais do *self*, revelando um *self*-objeto insuficiente, sendo a droga um substituto para o lugar que ele ocupa. (COIMBRA DE MATOS, A. 1997).

Para muitos autores persiste, todavia, a ideia de que ocorreria um superego altamente punitivo e rígido que atuaria de forma desintegrada, sem relação com um processo edipiano bem elaborado. Ao contrário, seria responsável por um constante movimento de perseguição (MAGALHÃES,LM.N., 2008).

Este estudo, no entanto, assume considerar a problemática das pessoas dependentes de drogas para além de um viés estrutural, ao considerar esse uso enquanto uma manifestação de um modo como são produzidas identidades e as mais diferentes subjetividades na contemporaneidade. Situamos a problemática do uso de drogas, portanto, a partir da intensificação do processo de pulverização da produção de identidades e subjetividades decorrentes dos movimentos de globalização que configuram verdadeiras linhas de produção em busca de dar respostas às incessantes necessidades do mercado global.

Nesse ponto, elege-se o conceito de *sujeito individual* enquanto expressão de subjetividade responsável por dar sentido à sua existência à parte de qualquer modelo disciplinar (FOUCAULT, 2004). Esse mesmo autor coloca, ainda, a noção de que o homem não é dado por uma substância *a priori*, mas que ele é expressão de uma construção histórico-cultural (FOUCAULT, 1995, p. 403-404).

A partir dessa perspectiva, existiriam diferentes subjetividades resultantes do complexo indissociável entre o individual e o coletivo na sociedade. Essa noção baseia-se fundamentalmente na realidade histórico-cultural da formação do sujeito que se coloca enquanto possibilidade de transformar a si mesmo, sem estar refém de estruturas pré-definidas (FOUCAULT, 2004, p. 94).

Em contrapartida à sociedade nos moldes modernos com seu modelo único de identidade e subjetividade possíveis à luz dos ditames de um tipo de ciência, cultura e estado aceitáveis, temos a emergência de um padrão pós-moderno baseado na multiplicidade. É onde se dá a polifonia de ideias, de formas comunicativas, gostos, decisões, entre outros; nela ocorre a inexistência do objeto ou do sujeito, mas determinações, grandezas, dimensões que são passíveis de mudar de natureza. Seria um coletivo multiplicatório anônimo de forças que concorrem para a constante criação-recriação desejante de identidades e subjetividades constituindo processos de subjetivação (ROLNIK, 1997; RAMMINGER, 2005; NARDI, 2006; DELEUZE e GUATTARI, 2011a).

Entretanto, ao mesmo tempo em que a dissolução da unicidade pós-moderna dá lugar à pulverização e multiplicidade, ela também vai tender a produzir inúmeros modelos *a priori* de identidades e subjetividades desejáveis a partir do que esperam as forças detentoras de poder econômico, político e cultural. Assim, produzem-se identidades globalizadas atuando na negação do potencial inventivo de afirmação de singularidades. Fazem, assim, um retorno ao referencial moderno de identidade sem que esta seja sempre única; são modos de subjetivação (RAMMINGER, 2005; NARDI, 2006;).

Essa produção incessante de identidades a serviço desses grupos detentores de poder ao invés de conectadas às forças desejantes, ao desassossego, ao bizarro, acaba por produzir um esvaziamento de sentido dada à impossibilidade de alcançar os muitos novos padrões alardeados por todos os meios possíveis. Este, aliado ao contexto de desestabilização e fragmentação cada vez mais exacerbada na pós-modernidade vem a tornar cada vez mais insuportável às pessoas que, nessa tensão percebem sensação de fracasso, despersonalização, enlouquecimento e mesmo de morte.

O consumo de drogas estaria ligado à manutenção de uma ilusão de identidade e subjetividade que daria conta de produzir sentido nesse dado contexto. Para tal atuaria na domesticação das forças que incessantemente levam as pessoas à dissolução das suas identidades prévias. Isso aliviaria a tensão existente já que são levadas hegemonicamente pela sociedade a assumir modelos identitários inalcançáveis e vazios de significado como forma de mantê-las em um eterno estado de falta a ser explorado pelos grupos detentores de poder.

Por outro lado, esse movimento vem a esvaziar o potencial dessas mesmas forças de produzir, a partir da sua vinculação às dimensões desejantes, a busca de novas configurações de identidade e subjetividade, ou seja, a singularização de suas vidas. Retira-se a possibilidade do vazio de sentido experimentado pela dissolução das referências identitárias ser vivido não como uma falta intolerável, mas como excesso e potência na produção de novos sentidos (ROLNIK, 1997).

Outra concepção, também de cunho pós-estruturalista acerca do uso de drogas, refere-se ao pensamento de como as drogas podem ser expressão de uma fuga da realidade que, a partir de seu viés normatizador, não deixa margem à possibilidade da invenção enquanto estratégia de produção de vida. Assim, a droga constituir-se-ia enquanto um movimento de desterritorialização que, em última instância, teria como alvo a destruição do ego enquanto elemento do psiquismo que deriva da estrutura normativa, criando algo próximo dos territórios marginais. A isso podem também se juntar as resistências aos modelos repressivos de promoção da abstinência (GARBI, *et al.* 2012; PERLONGUER, 2008).

Nesse caso, diferentes instituições que lidam com usuários de drogas a partir de uma perspectiva de tratamento vinculada somente à abstinência e mudança de comportamento vão tender a operar a anulação de processos de subjetivação dos mesmos. Assim, ocorreriam contextos de resistência a partir de diferentes episódios de confronto em que escapariam da normatividade institucional uma série de comportamentos, pensamentos e discursos das pessoas submetidas a esse tipo de tratamento. O movimento contrário, de anulação desses processos, permaneceria enquanto des-subjetivação.

Falta a esse movimento, quando do uso problemático, a formação de um *plano de consistência* que possibilitaria a passagem para novas formas de vida a partir de reterritorializações possíveis. Dessa forma, a questão do uso de drogas não seria, segundo esse referencial, um problema em si, mas sim a forma como esse uso se estabelece ao não possibilitar a passagem para a superação dos meios de alienação social que geraram o uso (DELEUZE e GUATTARI, 2011a).

Por *plano de consistência* entende-se o real com tudo o que o compõe, no entanto, nesse plano os elementos do real não estariam presos aos limites que são determinados pelos seus diferentes estratos. Ao contrário, eles podem inter cruzar-se em um movimento de desterritorialização que vai produzir novos territórios possíveis (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 110). Assim:

O plano de consistência (ou plano de imanência) é o fora de todas as multiplicidades, e nele a linha de fuga marca ao mesmo tempo "um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche", assim como "a impossibilidade de toda dimensão suplementar" e também a "possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou exterioridade". (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 25)

Passaria a droga a constituir-se enquanto uma prática em que seria possível uma escritura corporal ou corpóescritura (corpoema) a compor algo dentro dos preceitos de uma literatura menor. Isso se dá a partir da prática da desterritorialização, vinculação do seu uso a um contexto político (tanto micro quanto macro) e a constituição de agenciamentos coletivos de enunciação em lugar de manifestações de individualidade (DELEUZE; GUATTARI, 1977a; DELEUZE; GUATTARI, 1997a; GAUTHIER, 2004; ALCÂNTARA, 2005).

O corpóescritura proposto enquanto execução de uma práxis/teórica a partir do debruçar-se sobre experiências da performance em Clarissa Alcântara poderia nesse caso ser transposto enquanto proposta na reflexão sobre as experiências com uso de drogas. Desse modo constituiria-se o contexto do olhar em:

vácuo e deslocamento perfeitos para tencionar a ordem de qualquer discurso [Foucault], provocados por um corpóescritura que, incluído (na linguagem) como o que se exclui (do discurso), se reconhece como o desconhecido na experiência sem autoridade (ALCÂNTARA, 2005, p. 60).

Por literatura menor assume-se o conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari a partir de suas reflexões sobre a obra de Franz Kafka. Nela existiriam três características: primeiro que seria uma prática de uma minoria numa língua maior que é modificada por forte influência desterritorializante. Uma outra seria a natureza imediatamente política do seu enunciado dado o espaço exíguo em que ela é desenvolvida que passa a abolir as barreiras entre o privado e o público, o íntimo e o social. Finalmente que tudo adquire um valor coletivo, pois está vinculado à uma ação comum que surge da individualidade do escritor (DELEUZE e GUATTARI, 1977).

Assim, as vivências corporais produzidas a partir do processo desterritorializante do uso de drogas poderiam também ter o potencial de produzir uma língua menor caracterizada pela subversão do uso representativo de corpo hegemônico na sociedade. Esse que seria um corpo em que se borram as fronteiras dadas daquilo que se espera enquanto lugar social das pessoas e mesmo um corpo que ultrapassa os limites físicos e mistura-se a um fora que se localiza nas ruas, avenidas, praças, casas, serviços de saúde, cenários de uso, entre outros.

Outras leituras possíveis sobre o uso de drogas advêm das classificações diagnósticas, de base biomédica de caráter descritivo, que tratam de isentar-se de posicionamentos teóricos, embora embasadas em um *neopositivismo kraepeliano* (AGUIAR, 2004). Tais classificações (vide anexo 1) são hegemônicas no campo médico e têm sido amplamente adotados na caracterização do uso de drogas. Envolvem critérios que se agrupam em duas principais publicações: Código Internacional de Doenças, 10ª edição (CID 10) e do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM V).

Diversos autores apontam para as limitações de tais classificações, tanto por sua pretensa a-teoricidade, quanto pelo enquadramento sob o mesmo rótulo de diversas situações contextualmente e existencialmente distintas. A vantagem das mesmas, mais do que clínica, é apontada devido à sua operacionalidade e possibilidade de realizar estudos populacionais sobre os “transtornos” ou “distúrbios” mentais (AGUIAR, 2004).

Considerando tais limitações, neste estudo será adotado o conceito das drogodependências de Romaní por ampliar tal problemática, considerada um:

conjunto de processos através dos quais se expressam certos mal estares mais ou menos graves, que podem ter causas diversas (assim com outras manifestações), mas cujo sintoma principal seria a organização do conjunto da vida cotidiana de um indivíduo ao redor do consumo, mais bem compulsivo, de determinadas drogas (ROMANÍ, 1999, p.55).

A adoção deste conceito referencia-se em seu olhar desde as práticas sociais dos indivíduos, o que o leva a dialogar com o objeto desse estudo.

Outro questionamento possível com relação à problemática das drogas e seus usuários diz respeito ao lugar que eles ocupam na sociedade, seja em relação àquelas ações diretamente envolvidas com as drogodependências seja com relação a outras práticas sociais. Coloca-se em pauta, nesse caso, o tema da participação.

Em Sociologia, o termo *participação social* é utilizado para indicar a integração, ou seja, a natureza e o grau de incorporação de um indivíduo a um grupo, bem como a norma ou o valor pelo qual se avaliam os tipos de organização de natureza social, econômica, política

etc (RIOS, 1987). É um conceito que reúne em si sentidos que dizem respeito à coesão social e também à mudança social, aglutinando componentes e atitudes passivos e ativos que podem ou não ser estimulados (STOTZ, 2009).

O primeiro sentido refere-se a como os indivíduos situam-se na organização da sociedade e o segundo, ao papel desses indivíduos nos processos decisórios em uma dada sociedade.

Assim, a partir dos mais diversos espaços sociais ocupados pelas pessoas com drogodependência, é possível pautar as formas de participação neles existentes. Nesse ínterim, refletir sobre os sentidos dessas diferentes práticas e suas repercussões.

Existe uma outra forma de compreender a participação é quando se reflete sobre a emergência de um *novo paradigma ético-estético-político* na compreensão das implicações de um modo de ser e existir, de funcionar para produzir, nos saberes, fazeres e semiotizações. Nesse contexto, as dimensões destacadas anteriormente passam a não ser tão bem definidas, sendo que poderíamos auferir implicações éticas, políticas, subjetivantes e pragmáticas às realidades das mais diferentes conformações históricas, nos diferentes tipos de participação possíveis (GUATTARI, 2000).

O novo paradigma considera as implicações estéticas e, conseqüentemente, ético-políticas da participação ao considerá-la como integrante do conjunto de práticas sociais descritas anteriormente. Essa ligação entre o estético e o ético-político advém da responsabilidade da instância criadora por aquilo que é criado, por seus destinos e alteridade, pela variação a partir de esquemas pré-estabelecidos. Isso pode incluir-se tanto na criação que se dá nos cenários do embate político institucional quanto no cotidiano das intervenções mais banais do cotidiano.

Todos os processos e ações da realidade (o *cosmos*, no qual as mudanças são relativas por estarem balizadas nas leis que regem a realidade em todos os sentidos), da *realteridade* (realidade “outra” do caos, onde se encontram intensidades puras, à parte de todas as normas) e do *caosmos* (zona de transição entre o *caos* e o *cosmos* nos quais, os novos são absolutos, onde desenham-se esboços de organização do que antes era caos) tendem à transformação, mas é na prática das artes que assumem, com plena intensidade e sem restrições, a tônica de perseguir o novo incessante. Para tal fim, produzem, sem parar, dispositivos em que predominam o *caosmos* e geram plenamente não apenas produtos estéticos, senão, conseqüências históricas, transversais de toda natureza. Esse modo de ser e de existir, de funcionar para produzir, pode ter uma pregnância no horizonte dos saberes, fazeres, sentires e semiotizações. É a

isso que se denomina novo paradigma estético e intrinsecamente ético-político, mas também científico, maquínico, ecológico etc (BAREMBLITT, 2010; GUATTARI, 2000).

Quando se analisa o percurso da sociedade humana em suas diferentes conformações históricas, é possível concebê-la de três formas: a partir da formação territorial primitiva, da imperial despótica e da moderna capitalística.

Dessas, a primeira seria a única em que uma transversalidade estética perpassa todo o fazer social, abrindo maior espaço à produção do “novo incessante” na realidade. As outras compõem um conjunto de práticas em que predomina a perpetuação de um campo ordenado, com forma, conteúdo e expressão, determinado legalmente, internamente homogêneo ou parcialmente diversificado, hierarquizado, centralizado, determinado cronologicamente e que assume velocidades finitas, previsíveis e calculáveis (BAREMBLITT, 2010; DELEUZE, GUATTARI, 1997b; GUATTARI, 2000).

A nenhuma dessas conformações, a saber, seria possível o deslocamento radical a nenhum dos pólos do caos ou do cosmos descritos anteriormente. De fato, os sistemas existentes no mundo tenderiam a ter sim uma predominância de características de cada um dos pólos, os dois permanecem imanentes entre si. A eles estariam também imanente um território de passagem onde operariam forças que operam na mediação entre os processos produtivos desse “novo incessante” e realidade com suas estruturas que tendem a conformação (GUATTARI, 2000).

Na formação histórica territorial primitiva existe um predomínio do paradigma estético, ou seja, todas as práticas e subjetivações não apresentam uma separação taxativa, são transversalizadas por um matiz estético com as consequências ético, político, subjetivantes e pragmáticas que lhe são características (ativa oposição à implantação do Estado, à acumulação primária de bens materiais e imateriais; “comunismo” ou “autogestão” primitivos etc). Tal paradigma persiste imanente a todas as outras formações históricas (imperial despótica e moderna capitalística), no entanto, não se estabelece de modo predominante. No mundo atual em que a formação histórica moderna capitalística é a predominante, o desafio de reinventar e intensificar esse paradigma a partir de seu referencial territorial primitivo encontra-se enquanto prática de uma militância que persiga utopias ativas continuamente (BAREMBLITT, 2010; DELEUZE, GUATTARI, 1997b; GUATTARI, 2000).

Utopia ativa seriam as metas e objetivos mais altos e nobres (no sentido dado a esses termos por Nietzsche (2007), alcançáveis a partir de movimentos da vida orientados pela ação criadora e inventiva e não pela reação adaptadora e conformista) que orientam os processos

produtivo-desejante-revolucionários dos movimentos e agenciamentos sociais em seus aspectos instituinte-organizantes. Essas metas não estão colocadas em um futuro remoto nem terminal do tempo dos que são enunciados como escatologias (“Fim da história” ou “Fim dos tempos”). Na utopia ativa há uma imanência entre fins e meios; o processo produtivo-desejante-revolucionário- é seu próprio fim e meio em cada aqui e agora (BAREMBLITT, 2002).

Assim, seria possível deslocar a participação política para além do que se considera enquanto lugar comum de agregar-se a movimentos que estejam inseridos na contestação ou suporte a instituições da sociedade. Em seu lugar poderia-se considerar toda e qualquer ação que concorra para a produção de subjetivação, que dê lugar à emergência de dimensões instituintes da vida. Isso se daria particularmente a partir da emergência de grupos-sujeito (segundo o novo paradigma proposto).

Um outro conceito importante que emerge a partir das reflexões acerca da participação social e política diz respeito às implicações dado às diferentes formas de sociabilidade que se estabeleceram nos cenários urbanos contemporâneos.

Seria possível identificar duas leituras possíveis sobre a sociabilidade, uma que dá conta da construção do próprio social entre pessoas estranhas ou atores sociais diversos; nela, há a centralidade da interação. Outra diz respeito à ideia de que as relações sociais seriam praticadas entre pessoas afins, que compartilham espaços sociais, condições socioeconômicas, valores, entre outros (FRÚGOLI JR., 2007).

A partir dessas diferentes leituras, situam-se reflexões acerca do modo como a sociedade enquanto complexo de indivíduos socializados, rede empírica de relações humanas em um espaço e tempo definidos. A observação de como a proximidade corporal pode ser intensa nas grandes cidades e, ao mesmo tempo, as pessoas permanecem muito distantes em estratégias de sociabilidade. Com o advento da modernidade e a sua estratificação e tentativa de controle e adaptação da natureza a uma ordem, a proximidade entre as pessoas passa a ser balizada a partir do quanto elas estariam próximas em termos de classe social. Em contrapartida, relações interclassistas seriam desconfortáveis e indesejáveis pelo não compartilhamento entre os indivíduos de características semelhantes determinadas pela sua classe social.

Aliado a isso, as pessoas estariam todo o tempo no tensionamento entre inúmeros estímulos que a vida urbana oferece e a praticidade, exatidão e padronização dos modos de vida. Isso daria origem a um comportamento de indiferença frente ao mundo.

Com os movimentos de passagem à uma realidade pós-moderna, a centralidade da classe social em determinar esse distanciamento passa a não ser mais tão importante. São multiplicados os mecanismos de distanciamento, a partir do fortalecimento da possibilidade de constituição de vínculos cada vez mais fluidos. Estes, por sua vez, entram no contexto de linhas de produção do chamado “refugo humano”, ou seja, daquelas pessoas que se situam à margem do processo produtivo considerado adequado na sociedade contemporânea mas que, a mesmo tempo, são frutos desse mesmo processo produtivo que não poderia sobreviver sem gerar essas populações.

Uma outra característica a ser considerada seria o advento de diversas formas de interação social, aí se incluem os meios virtuais como a internet, que criam cada vez mais possibilidades de ao mesmo tempo em que permitem as interações interpessoais, fortalecem o anonimato característico da fluidez de vínculo (BAUMANN, 1999).

Operar práticas de participação social e política nesse contexto adquire, assim, características particulares ao considerar as implicações envolvidas. Seria possível pensar nas particularidades presentes nesse fenômeno em populações situadas enquanto marginais ao processo produtivo como usuários de drogas, população de rua, entre outros. Pessoas essas que se articulam em práticas que vão desde a relação com grupos como militantes políticos, bem como aquelas sem identificação a movimentos sociais ou político-partidários.

Nesse caso poderiam-se considerar a interface com as diferentes territorialidades marginais produzidas (PERLONGUER, 1987 e 2005 [1988]). Esse conceito estabelece um ponto de vista diverso da noção clássica do campo da Geografia que o concebe enquanto espaço físico em que se desenvolvem as relações sociais, que é passível de diferentes significações, relações de poder, identidades. Seria onde habitam as pessoas e, ao mesmo tempo, constantemente produzido por elas mesmas (SOUZA, 1995).

A conceituação nova vai estabelecer que o território se encontra no indivíduo, assim, ajuntam-se à dimensão física a experiência subjetiva de estar no mundo em suas mais diferentes formas. Operam-se aí processos de construção de subjetividades a partir de movimentos de territorialização (estabelecimento da norma social) e desterritorialização (criatividade e inventividade frente ao estabelecido pela norma social).

Essa noção de território coloca-se em sintonia com o de Deleuze e Guattari (1997b) para os quais trata-se de um espaço subjetivo vivido que determina uma identidade específica. É a representação dos comportamentos e investimentos empreendidos por um sujeito.

Perlongher (2008) vai ainda contrapor aquilo que seria uma sociabilidade nômade e marginal a uma mundana e sedentária. A primeira fala de práticas fluidas, segmentárias (circulam nos mais diferentes espaços físicos e subjetivos), desviantes, que não se adequam ao que é esperado pela norma social vigente. A segunda refere-se ao contrário, adequadas ao modelo das instituições vigente, por exemplo a família, trabalho formal e escolarização.

O conceito de territórios marginais é composto pelas duas visões expressas anteriormente colocando-se enquanto os processos de construção de subjetividades que se dão a partir de grupos sociais em que predominam formas de sociabilidade nômade e segmentária.

Tendo em vista as singularidades das diferentes pessoas que exercem a participação seria possível pensar que os mesmos imprimem marcas que constituem corpos em processo que ultrapassam uma dimensão física, visível, tangível e mensurável. A partir das experiências de interação com o mundo de forma inventiva, em busca do “novo incessante”, despedaçam as identidades cristalizadas naquilo que está padronizado para recriarem-se a si mesmos, borrando barreiras entre o individual e o coletivo, o organizado e o caótico, o ser humano e o mundo.

Por outro lado, permanecem de forma imanente os mesmos movimentos de manutenção daquilo que estava instituído a priori. Com isso estabelecem-se os movimentos incessantes de (re)territorialização e desterritorialização citados anteriormente a partir dos corpos dos sujeitos.

Esses mesmos corpos, ao constituírem-se atravessados por territórios diversos, podem colocar-se em curso de elaboração de si mesmos enquanto obras de arte, ou seja, a experiência da criação de uma versão do próprio corpo como objeto/poema (corpoema) a partir do lugar da continuidade-descontinuidade do fazer inventivo (ALCÂNTARA, 2005). Nesse corpo poderiam incluir-se as pessoas envolvidas, as ruas da cidade, as árvores e praças, os serviços de saúde enfim, tudo que faz parte do repertório onde opera a vida. Como diz Alcântara (2005):

Discurso do fora”, esta expressão associa-se não só ao discurso de Blanchot. Também Bataille, Deleuze e Derrida a interpenetram, mas é em Artaud que ela se realiza, efetivamente, como acontecimento, e somente nele. Artaud é quem vive a experiência extrema, limítrofe, do fora, onde o discurso aparece intrincado ao corpo, um corpo-ato que não é mais o seu, e esta exterioridade em excesso, excesso de onde o teatro desessência também surge, resulta de um fora que transita dentro e de um dentro que transita fora: neste momento posso dizer que a expressão já está apropriada. O corpoemaprocesso é experiência de um corpoescritura que se inscreve no espaço descontínuo do dentro-e-fora e isto é a vida desse discurso (*discorpo*) (ALCÂNTARA, 2005, p. 163-164).

Operam nesse contexto uma dupla dimensão de agenciamentos: maquínico de corpos e coletivo de enunciação. O primeiro diz respeito a como corpos, ações, paixões, máquinas, ferramentas e energias interagem entre si a partir de um conjunto de regras e lugares definidos. O segundo sobre a rede das falas e discursos produtores de subjetividade, a partir dos mais diferentes signos.

Tais agenciamentos podem contribuir tanto em perspectivas desterritorializantes quanto territorializantes. É possível, além disso, localizar nos cenários de agenciamentos tanto o predomínio de uma quanto da outra. Isso se dá ao perceber-se como a dimensão corporal e física dos processos sociais encontra-se intimamente ligada a produção incessante de signos, estes não representantes de seus conteúdos, pois são singulares em si mesmos (GUATTARI, 2000; GAUTHIER, 2004; DELEUZE e GUATTARI, 2007).

Os agenciamentos possíveis podem efetuar-se de modo desterritorializado, aos quais denomina-se capitalístico. Eles constituem-se pelo abandono da possibilidade de transgressão das regras determinadas pelo enunciador (aqui uma figura transcendente como Deus, Estado etc), gerando a cristalização da realidade. Padroniza-se a subjetividade a partir da eliminação das composições enunciativas trans-semióticas, favorecendo o acúmulo de poder nos operadores da tradução do enunciador transcendente à sociedade como é o caso dos grandes grupos econômicos, governantes, entre outros (GUATTARI, 2000).

Segundo a Política Nacional de Atenção à Saúde Integral de Usuários de Álcool e outras Drogas, existe no Brasil uma necessidade premente de garantir o acesso ao cuidado em saúde para esses usuários. O discurso hegemônico de estigma e homogeneização acerca dessas pessoas concorreria para uma limitação de acesso, e por isso entende-se não necessariamente o acesso físico aos serviços, mas também à determinadas práticas de cuidado integral. Tal realidade vem a determinar, desde o lugar das práticas de institucionais de saúde, uma limitação da capacidade inventiva e criativa dessas pessoas a partir da limitação de seu acesso para além de determinados territórios, por exemplo, o da violência, da periculosidade, da pobreza, do ilícito etc (BRASIL, 2003).

Não significa, no entanto, que eles não operem agenciamentos outros para além do que lhes seria negado enquanto serviço. Nesse contexto estabelece-se uma intrincada articulação entre práticas e saberes dos mais diversos atores que variam quanto a recursos financeiros, materiais, de tempo e energia, na qual estão envolvidos os mais diversos referenciais, redes sociais, tecnologias e corpos (EPELE, 2012).

Para além disso, a resposta enquanto política pública proposta a partir da identificação das fragilidades dos serviços no Brasil corresponde às estratégias que visam fortalecer o acesso e, conseqüentemente, potencializam ação dos usuários enquanto sujeitos sociais, produtores de diversas estratégias de participação social e política. Dentre elas está a participação direta do usuário na definição de sua proposta de tratamento, a articulação dos diversos setores da rede de atenção psicossocial e de saúde de modo geral e a articulação com atores comunitários (BRASIL, 2010).

A partir desses diferentes cenários, a pessoa usuária de drogas passa a lidar com seu modo e processos de subjetivação na construção de sua subjetividade. Seriam eles visibilizados enquanto possibilidade de produção e cuidado e exercício da participação social e política (RAMMINGER, 2005).

Por outro lado, existe o entendimento de que o lugar por eles ocupado na sociedade enquanto usuários está fatalmente associado a contextos de sofrimento e crise. De fato, as representações sociais de usuários de drogas e familiares relacionadas ao uso podem se referir a problemas emocionais, financeiros, de relações interpessoais e físicos. Aliado a isso, a abstinência é associada a uma melhor qualidade de vida (MEDEIROS et al, 2013).

Em contrapartida, experiências de redução de danos têm sido apontadas como possibilidades de proposição e formas de atuação na sociedade vinculadas à ocupação dos mais diferentes lugares de produção social cidadã. Desse modo, as diferentes ofertas dessas estratégias procuram reconhecer aquilo que está posto enquanto direito a partir dos mais diferentes marcos legais (QUEIROZ, 2001).

A redução de danos situa-se enquanto um fazer clínico-político calcado sobre uma ética de cuidado que busca visibilizar os usuários de drogas de forma a desviar de um olhar moralizante sobre as práticas dos usuários, visando exclusivamente a diminuição ou eliminação do uso. Começa a partir do viés da tentativa de diminuição da incidência de HIV/Aids, proliferando para práticas que dialogam com as necessidades e desejos das pessoas de forma integral, desviando o olhar do uso enquanto o problema central ou o fim possível. Na perspectiva da redução de danos, o consumo de substâncias tornar-se parte do contexto geral em que o campo da saúde incide.

A saúde, sob esse viés, acaba por produzir uma clínica que abre a sua prática e se afasta de modelos pré-definidos com relação a possibilidade de intervenção na realidade ao propor um olhar sobre as múltiplas dimensões da vida das pessoas a serem cuidadas e sua interface com os cuidadores. Além disso, vai considerar a própria produção oriunda desse encon-

tro que atualiza desejos e necessidades, colocando em perspectiva aquilo prescrito enquanto possibilidade nos manuais, bem como possíveis condicionamentos ou mistificações gestadas no cotidiano da vida.

O deslocamento do foco da droga para a vida da pessoa a ser cuidada implica em um desafio de, ao mesmo tempo, não se perder o objeto clínico que motiva a intervenção de saúde. Tem desse modo um exercício constante de repensar e recriar a própria prática nesse contexto, procurando potencializar trajetórias participativas significativas que, justamente por ultrapassar o campo específico da saúde, acabam por conseguir tocar de maneiras mais integrais a saúde enquanto um objeto complexo. Aqui, a prática proposta atualiza o conceito de participação das pessoas que usam drogas que, da mesma forma, tende a ser traduzida desde o filtro do que é esperado dessas pessoas segundo um padrão estrutural, assim elas tendem a ter seus discursos e práticas participativas deslegitimadas pelas limitações associadas ao uso de drogas. Ao contrário, passa a trabalhar a participação enquanto algo a ser produzido e atualizado constantemente, que pode ser mediado pelo fazer clínico e que habita de forma plena a vida dessas pessoas. (TEDESCO; SOUZA, 2009).

Assim, permanecendo o sujeito imerso na teia de relações de poder da realidade, experienciando possibilidades de assujeitamento e resistência, opera diferentes *modos e processos de subjetivação*. Os primeiros dizem respeito às formas predominantes das relações, os segundos, às diferentes maneiras com as quais cada um estabelece essas relações em sua vida (NARDI, 2006).

Os *modos de subjetivação* colocam-se assim em relação com os conceitos de *instituído e territorializado* descritos anteriormente. Da mesma forma que o de *processos de subjetivação* com os de *instituinte e desterritorializado*. Ambos esses processos são reconhecidos como imanentes entre si na medida em que ocorrem a todo momento juntos nas relações existentes.

Nesse caso, diferentes instituições que lidam com usuários de drogas a partir de uma perspectiva de tratamento vinculada somente à abstinência e mudança de comportamento vão tender a operar a anulação de processos de subjetivação dos mesmos. Assim, ocorreriam contextos de resistência a partir de diferentes episódios de confronto em que escapariam da normatividade institucional uma série de comportamentos, pensamentos e discursos das pessoas submetidas a esse tipo de tratamento. O movimento contrário, ainda assim permaneceria enquanto *des-subjetivação* (GARBI, S.L., et al. 2012).

Torna-se premente o desafio de visibilizar essas práticas que, nesse estudo, se compõe a partir da possibilidade do trabalho com a intensificação de uma *grupalidade instituinte*. No seu caso específico, a possibilidade de um ensaio de olhar sobre experiências ou trajetórias participativas e, ao mesmo tempo, recriá-las no espaço grupal a partir da multiplicidade de sentidos em produção nas vivências corporais de esquizodrama.

Essa *multiplicidade* manifesta em ato a partir do processo grupal proposto seria assim terreno fértil a criação desse *corpo-sem-órgãos* que pode ser ameaçada pela institucionalização a se manifestar de diversas formas. Aqui escolhemos destacá-la a partir da *rostidade* enquanto algo a capturar toda a “energia” ou potência de vida do grupo.

A *rostidade* é um conceito que propõe uma função do rosto enquanto algo que é passível de ser compartilhado por todo o corpo. Relaciona-se a um domínio de sentidos hegemônicos ou mesmo de identidade que se expressa pelo fato de que geralmente a diferenciação entre as diferentes pessoas se dá prioritariamente pelo rosto. Essa identidade ou essência manifesta poderia ser também compartilhada pelo corpo inteiro ao se colocar enquanto portador de um sentido. Existiriam pois, *rostidades* que teriam uma função de captura de qualquer forma de produção inventiva de sentidos, impondo aqueles que seriam hegemônicos. No caso do grupo isso poderia se dar fortemente naquela expressa pelos profissionais de saúde dado o lugar de poder estabelecido por eles, ou mesmo em integrantes que poderiam, por exemplo, reduzir a experiência do grupo às balizas de um sistema moral específico e, de forma mais ampla, na medida em que a vivência de diferentes semióticas verbais, corpóreas, imagéticas, sonoras, entre outras, é reduzida a um sistema de representação em que a ditadura do enunciado se sobrepõe aquilo que se produz na relação, entre corpos e enunciados, no “entre”, no indizível e intraduzível (BAREMBLITT, 2010; DELEUZE E GUATTARI, 2004; SAIDÓN, 2008).

Nesse sentido, o grupo acaba por ser capturado por um movimento paranóico (segundo a concepção de Deleuze e Guattari) que aspira pela totalização dos sentidos possíveis. Assim, mesmo que de início procurando operar processos de deriva das hegemonias fascistas, acaba por propor uma nova ordem, produzindo um padrão de molaridade que vai tomar as mesmas características do que havia antes, enfim, mais do mesmo (SAIDÓN, 2008).



#### **4. OBJETIVO**

Compor um percurso vivencial, corpóreo e reflexivo em contexto grupal, lançando um olhar sobre trajetórias participativas de usuários de um Caps-ad.

## 5. METODOLOGIA

As disciplinas científicas colocam-se em uma perspectiva de produção de conhecimento que parte da ideia que os saberes sistematizados desde um viés disciplinar conseguem dar conta do mundo, constituindo-se enquanto verdades absolutas.

Tal observação não considera necessariamente o referencial teórico ao qual se filia o referido campo disciplinar, mas o lugar de poder que ele ocupa ao vincular-se às estruturas acadêmicas. De fato, o campo acadêmico vem a contribuir com um processo intenso de acumulação de poder que vai justificar que ciência ou produção e conhecimento válido somente se encontra a partir dos cânones das instituições formadoras tradicionais.

Elege-se nesse estudo uma proposta de produção de conhecimento a partir de um referencial esquizoanalítico que propõe outros percursos epistemológicos e metodológicos. Nesse sentido, estaria comprometido com duas funções, uma negativa e outra positiva.

Em sua função negativa, a *esquizoanálise* se ocupa da “raspagem” dos construtos oriundos da superfície de registro-controle da realidade, bem como de mecanismos de antiprodução e reprodução nela operantes. Os registros da realidade referem-se às três superfícies que a compõem, a saber: *produção de produção*, *registro-controle* e *produção de consumo* (BAREMBLITT, 2010; DELEUZE e GUATTARI, 2011b).

A primeira diz respeito à geração de tudo o que existe, estando composta por pré-forças, pré-elementos (*enements*) que não possuem forma, não são passíveis de medida, quantificação ou qualidade nem estão localizados no tempo. Estão, a todo momento, diferenciando-se de si mesmos de modo infinito (o puro devir) e são caracterizados por intensidades puras.

Nessa superfície estariam contidos o *desejo* e a *produção*; *desejo*, no sentido dado por Freud ao Processo Primário do Inconsciente, em que a energia flui pelas representações de forma livre, sem interferência de tempo, espaço e onde só há positivities sem ausência, falta, morte, castração, entre outros.

*Produção* no sentido dado por Marx em que se caracteriza por um processo em que matéria prima trabalhada por meios dados e mobilizada por uma força de trabalho gera um produto que não existia previamente. A essa noção é agregada a de *produção de produção*, ou seja, a produção ocorre por ela mesma a partir da assumpção de que os os *enements*, em seus encontros casuais, imprevisíveis de intensidades puras, geram esse movimento produtivo.

A superfície de *registro-controle* é a configuração da superfície de *produção de produção* ao assumir-se enquanto referencial de entidade molar. Dessa forma, o resultado do movimento de produção passa a ser capturado, reprimido, selecionado ou esgotado a partir de um funcionamento desgastante. O *registro-controle* vai, então, conduzir o que vai servindo à *reprodução* de tudo o que existe na realidade, ou mesmo à *anti-produção* que se constitui na produção de movimentos auto-destrutivos de si mesmos.

A superfície de *consumo-consumação* refere-se a um lugar de consumo de tudo o que é produzido pelas superfícies anteriores por parte dos agentes históricos da realidade.

Todas as superfícies citadas ocorrem ao mesmo tempo na realidade, são imanentes entre si. Dessa forma, não seria possível localizar os produtos de uma superfície isoladamente, mas cenários em que é predominam uma ou outra.

A função positiva da *esquizoanálise* diz respeito ao movimento de agenciar as forças de intensidades puras relatadas anteriormente de modo a fazer emergir a novidade ou o “novo incessante” na realidade. Realiza, assim, o movimento de introduzir a produção no desejo e o desejo na produção de modo a mobilizar os processos instituintes engendrando movimentos revolucionários.

Como resultado das duas funções propostas, têm-se a emergência de conhecimento desde um lugar da novidade que não necessariamente passa pelo campo acadêmico, mas pode considerar todas as dimensões de produção social ou da realidade em si. Por exemplo, as construções do saber que parte da experiência não sistematizada em meio às classes populares, da vivência de uma semiótica corporal, imagética, artística, e muitas mais (BAREMBLITT, 2010; DELEUZE, GUATTARI, 2011b).

Dentro dessa perspectiva, elege-se na proposta desse trabalho um método de inspiração cartográfica como possibilidade de mapeamento da realidade vivida a partir da interface do pesquisador com os cenários e os atores incluídos no estudo. A partir dessa interface, visa desvelar os processos de produção e acompanhar os movimentos e intensidades dos que compõem a realidade, procurando considerar pesquisador e cenários de pesquisa mutuamente afetados e assumindo um compromisso ético com a emergência de dimensões instituintes (GUATTARI, 2000; ROMAGNOLI, 2009).

Nesse sentido, o percurso de produção de conhecimento e reflexões proposto coloca-se na perspectiva de fugir da primazia da racionalidade ocidental hegemônica enquanto única tradutora da realidade. Enquanto uma construção de derivação a partir desse viés, faz proliferar sentidos possíveis para o mundo, não negando o olhar anterior enquanto possibilidade de

compreensão e produção na realidade, com seu enfoque mecanicista, mas também fazendo derivações incessantes para semióticas possíveis.

A totalização do mundo desde esse processo não seria, então um objetivo a ser perseguido, de antemão parte-se do pressuposto de que não serão elaboradas enunciações de verdade absoluta ou essência, mas considera de forma incessante a vivência no mundo a proliferar sentidos a todo momento ou a possibilidade da emergência do “novo” incessante descrita anteriormente.

Tal novidade seria reconhecida em um território em que produção de conhecimento e realidade atuam de forma imanente entre si. Essa dimensão de imanência que vem a ser reconhecida na relação entre sujeito e objeto vem a ser o substrato da complexidade da realidade, fugindo da simplificação mecanicista a considerar estruturas estanques e universais para explicar o mundo, bem como os dualismos natureza/cultura, sujeito/objeto, dentre várias outras.

A inspiração cartográfica vem a agir de forma a acompanhar processos que também se situam no campo do invisível, do indizível, da sensação, aquilo que estaria para além da tradução proposta pelos filtros de percepção da realidade que atuam de forma imanente sobre o olhar do pesquisador. Dessa forma existe o desafio de uma constante reflexão sobre si na perspectiva de tentar fazer a raspagem desses filtros (tarefa negativa da *esquizoanálise*) abrindo possibilidade para outros olhares que não se dão necessariamente com os olhos, mais com todo o corpo do pesquisador, das pessoas que participam da pesquisa e também desse corpo coletivo que se produz no processo da intervenção. Esse corpo coletivo que vem a se constituir enquanto um corpo-sem-órgãos, conforme descrito anteriormente, a partir do qual novas territorializações podem ser produzidas e, nesses territórios a emergência de compreensões acerca do mundo.

Cabe ressaltar que não é uma série de passos metodológicos que determina esse movimento, mas uma postura ou posição que o pesquisador assume ao adentrar no coletivo de pesquisa, situando-se nos jogos de poder já estabelecidos e deixando margem à possibilidade de desestabilização para a emergência da inventividade. Nesse coletivo, que se habita em um co-engendramento (imanência) entre indivíduo e sociedade, são reconhecidos processos moleculares com as suas intensidades a agenciar forças na produção de corpos-sem órgãos e outros territórios existenciais.

Para a cartografia, assim, a interpretação converte-se em auto-análise, as variáveis intervenientes tornam-se dispositivos analisadores e o conhecimento técnico despe-se do seu

lugar de verdade absoluta para dar lugar à auto-gestão do coletivo (PAULON; ROMANGNOLI, 2010)

O *esquizodrama* coloca-se nesse trabalho enquanto um conjunto de possibilidades diversas de intervenção que concorrem à emergência da produção do devir, potencializando o movimento cartográfico. Nesse sentido, parte do corpo com a dissolução de sua rigidez e padrões pré-estabelecidos pelas instituições que atravessam os corpos em suas mais diversas dimensões. Para tal, são empreendidos movimentos de desterritorialização a partir de vivências corporais que tanto enfraquecem essa dimensão instituída (função negativa), quanto fortalecem aquilo que emerge de bizarro, estranho, “novo”, criando um plano de consistência capaz de superar os meros processos hegemônicos de *reprodução* e *antiprodução* da realidade (função positiva).

A função positiva centra-se fundamentalmente na visibilização e intensificação dos acasos que fogem à normatividade dos corpos. Isso poderia acontecer tanto através de vivências grupais, como a partir de intervenções no cotidiano das pessoas que gerem o estranhamento ou desterritorialização necessários ao início de um processo de auto-análise que parta não simplesmente de uma dimensão não interpretativa, mas vivencial pois, segundo Barenblitt, (2002, p.58): “Não há nada para decifrar, porque as representações não interessam tanto quanto as forças”.

Assim, conjugamos os resultados de vivências de *esquizodrama* desenvolvidas com usuários de serviço da rede de atenção psicossocial acessado por pessoas com problemas com álcool e outras drogas da cidade de Porto Alegre e profissionais de saúde desse serviço. Tais vivências por si só se constituindo ao mesmo tempo processo, resultado e produto reflexivo compartilhado pelos atores envolvidos no processo em um coletivo ao mesmo tempo sujeito da pesquisa e pesquisador formado em ato a compor o processo cartográfico de emergência de sentidos e conceitos a partir e nas próprias vivências.

A seleção do serviço foi empreendida considerando aspectos como: a abertura institucional para pesquisas com anuência do gestor público e a experiência no atendimento a usuários com problemas de álcool e outras drogas. Foi assim, selecionado o Caps-ad mais antigo do município de Porto Alegre. Outro aspecto considerado foi o fato de o serviço contar com presença de sala adequada para a realização das vivências.

A seleção das participantes ocorreu a partir do processo de definição junto à equipe do serviço, considerando a avaliação dos profissionais que acompanham esses usuários quanto às condições psíquicas dos mesmos, de maneira a evitar a inclusão de usuários vivenciando

momentos de fragilização de suas condições psíquicas. Os convites foram realizados em rodas de conversa e outras reuniões ou grupos já desenvolvidos no serviço. Por definição junto com a equipe, a atividade prevista para esta pesquisa ocorreu no horário de um dos grupos semanais do Caps-ad, cuja proposta já trabalhava com vivências a atividades com corpo, movimento e música.

As atividades preparatórias incluíram a inserção processual nos vários espaços que eram necessários, utilizando o exercício de observação participante e rodas de conversa como forma de ajudar a compor um campo de análise (FALKEMBACH, s.d.; TRIVIÑOS, 1987; BAREMBLITT, 2002, p. 90-91; QUEIROZ *et al.*, 2007).

Todos os usuários desse grupo foram convidados a participar da pesquisa. Esse convite foi sendo atualizado em cada encontro, na medida em que pessoas novas se agregavam, pois trata-se de um grupo aberto. Embora fosse um grupo aberto, em todos os encontros realizados, a maioria das pessoas eram as mesmas, com uma média de 15 participantes por cada encontro. Cerca de 10 participantes desses 15 estiveram presentes em todos os encontros.

A pactuação inicial foi realizada com a presença da maioria dos integrantes do grupo que compareceram aos momentos anteriores. Realizou-se no contexto de uma vivência usual que já era realizada pelo grupo da qual tomou parte o pesquisador que se juntou às atividades como mais um integrante. Ao final do momento previsto a facilitadora que naquele momento conduzia os trabalhos abriu espaço para que pudessem ser realizadas as devidas apresentações, explanadas as características da pesquisa e o vínculo que se propunha ser desenvolvido dali por diante, o que era de responsabilidade e direito de cada um, dando conta de todos os pontos delimitados no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que posteriormente seria lido e assinado.

Foram realizados cinco encontros do grupo vinculado à pesquisa, com periodicidade semanal a quinzenal, combinada com os participantes. Os encontros abordaram: 1) pactuação com o grupo; 2) reconstituição de aspectos significativos da história de vida de cada um; 3) constituição de cenas produzidas a partir do material elaborado no encontro anterior; 4) composição de cenas referentes à assembleia do Caps-ad; 5) exercício de composição de personagens a partir de pessoas do cotidiano do Caps-ad.

Foi utilizado roteiro de perguntas gerativas para a problematização inicial que constam no anexo 2.

Os registros dos encontros foram realizados através de diário de campo estruturado a partir das vivências e de desenhos e materiais produzidos ao longo dos encontros.

A reflexão acerca dos materiais textuais e imagéticos produzidos a partir do estudo foi também realizada dentro do próprio processo grupal, de forma coerente com o referencial teórico esquizonalítico deste estudo, dando-se enquanto um movimento de (re)leitura e (re)criação do mundo e do dizer sobre esse mundo a partir das vivências propostas. Caberia, pois, uma reflexão acerca das diferentes imagens a partir da composição de cenas com o pesquisador, demais pessoas envolvidas e cenário em que ocorrem os processos. As imagens produzidas nessa composição, desviando-se aqui de uma perspectiva de representação, devem ser consideradas enquanto a tradução de uma força que existia previamente, ou uma pré-força que vem da composição das sensações das pessoas envolvidas antes da sua configuração, bem como a relação com tudo o que existe de inanimado (o cenário).

Justamente por desviar-se de um viés da representação, a reflexão sobre as imagens vem a se relacionar com algo que Bergson chamou de centros de indeterminação (em seus textos sobre a imagem no cinema) enquanto zonas de afloramento de desvios ou intervalos capazes de produzir os esboços de novos territórios de vida ou, em uma compreensão possível, novas formas de falar e conceber o vivido. Os sujeitos da percepção, que ao mesmo tempo produzem e compõem com as cenas, interpenetram-se nessas zonas de indeterminação a produzir-se também em dessubjetivação, desorganizando a relação entre sujeito e objeto para depois novamente territorializarem-se.

Ainda sobre esse olhar possível sobre essas imagens, propõe-se aqui o olhar de Bergson em suas reflexões sobre pintores como Turner, Corot e Da Vinci. Dizia que a nossa aceitação ou admiração deles parte de algo que já havíamos percebido daquilo que eles nos mostram, entretanto, sem o perceber. Em outra passagem do mesmo autor, reforça essa afirmação ao conceber linhas invisíveis aos olhos que poderiam ser percebidas a partir do espírito (UNO, 1992).

Dessa forma, o olhar sobre as imagens produzidas nesse estudo vem a tentar tocar esse invisível produzido a partir dessas zonas de indeterminação e no contexto da composição de intensidades das mais diversas que atravessam os corpos dos participantes do grupo de *esquizodrama*. Em outras palavras, conforme Deleuze escreve em sua reflexão sobre as peças para televisão de Samuel Beckett:

É que a imagem não se define pelo sublime do seu conteúdo, mas por sua forma, isto é, por sua ‘tensão interna’, ou pela força que mobiliza para esvaziar ou esburacar, aliviar a opressão das palavras, interromper a manifestação das vozes, para se desprender da memória e da razão, pequena imagem alógica, amnésica, quase afásica, ora se sustentando no vazio, ora estreme-

cendo no aberto. A imagem não é um objeto, mas ‘um processo’.” (DELEUZE, 1992, p. 71).

As imagens produzidas no estudo seriam, não representação de alguma coisa, mas acabam por assumir-se como vida indefinida ou indeterminada por elas mesmas. Isto só vem a ocorrer a partir do processo de seu esgotamento ou fissura. As vivências do *esquizodrama* vêm a experimentar a possibilidade teórica desse esgotamento ao realizar a contínua raspagem de couraças de sentido hegemônico dadas às cenas e concebidas previamente pelos participantes para tentar fazer emergir uma vida fora da vida a partir da vivência corporal (UNO, 2012).

A triangulação dessas várias técnicas para coleta de dados foi empreendida para promover uma visão mais complexa e integral dos fenômenos (SANTOS, 2009).

Os aspectos éticos da pesquisa foram considerados a partir do seguimento das normas sobre ética em pesquisa contidas na Resolução nº466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Todas as pessoas envolvidas nas atividades foram apresentadas e devidamente esclarecidas sobre todo o processo, sendo convidadas a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para consentimento no uso de dados. O projeto foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Hospital Nossa Senhora da Conceição/Grupo Hospitalar Conceição (HNSC/GHC), instituição responsável pelos serviços onde será operacionalizado o estudo, sendo aprovado sob o parecer consubstanciado número 1.232.788, elaborado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (anexo 3), e pelo parecer consubstanciado número 1.289.788, elaborado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HNSC/GHC.

## 6. SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO NO ESPAÇO ENTRE A CLÍNICA E A PESQUISA: COMO A GRUPALIDADE POTENCIALIZA TRAJETÓRIAS PARTICIPATIVAS

É relevante observar como o processo de trabalho do pesquisador a se desenrolar no contexto do grupo de pessoas atendidas pelo serviço de saúde vai compondo com as atividades de cunho terapêutico e desvelando dimensões que podem propor olhares reflexivos a partir da produção proposta.

Vem a se desenvolver assim, em um espaço do “entre” que se estabelece entre a clínica e o movimento de pesquisa, em que os atores envolvidos, ao colocarem-se em relação uns com os outros produzem uma relação que antes não existia e, de certo modo, um novo corpo que se estabelece ali e acaba por narrar com a sua escritura corporal (movimentos, palavras, olhares, sons...) uma história escrita a partir de uma língua menor que o processo proposto faz a opção de intensificar.

Tais corpos em composição não abandonam aquilo que atravessa o corpo do pesquisador e seu campo teórico inicial, nem tampouco deixam de lado as identidades vivenciadas pelo grupo que lá estava. Ao contrário, colocam-se enquanto zonas de desterritorialização plenas de potência na emergência de novos territórios vivenciais em que o mundo e o dizer sobre esse mundo vem então a ser produzido constantemente.

Esses movimentos dialogam com um modo de produção de conhecimento já familiar ao campo da filosofia em suas elaborações em torno de um “entre” que seria ou que se está em movimento, processo ou devir. Ao afastar-se da necessidade de buscar uma explicação essencialista, de prever a origem do fenômeno ou para onde ele se encaminha a pesquisa, tal como essa proposição procura, situa-se na pragmática de modo radical, afastando-se da mistificação de abstrações com pretensão totalizadora e apostando na proliferação de sentidos enquanto um processo contínuo de produção de si e do mundo de todas as formas possíveis.

A partir daí, do reconhecimento desses processos produtivos, que se situam as possibilidades de agir no mundo sob um referencial ético, estético e político a delinear que espaços de *produção de subjetividade* seriam desejáveis. Ou, em seus desdobramentos, cenários de *produção de produção*, *produção de reprodução* e *produção de anti-produção*.

Quanto à reflexão acerca da elaboração de um dispositivo nesse “entre”, propõe-se enfim a possibilidade de mudança na perspectiva da clínica de uma perspectiva que dialoga com a origem tradicional do vocábulo clínica do grego “clinos”, que significa inclinado, denotando a posição de um ator que se encontra em posição superior hierarquicamente sobre outra que é visualizado desde “cima”. Ao invés disso, adotar uma nova relação de sentido, propondo uma clínica que se refira ao vocábulo “clinamen”, do grego, desvio, que fala a favor da proliferação dos sentidos dita anteriormente, ou multiplicidade como possibilidade de atuação, surgiria, assim o neologismo em português: *clínica*, de forma a demarcar esse redirecionamento.

A *clínica*, dessa forma concebida, é produzida em ato no processo grupal e em todos os cenários a ele relacionados, reuniões preparatórias com a equipe do Caps-ad, estudos solitários e em conjunto para orientação do projeto de pesquisa, encontros inusitados de confraternização para o lanche pós grupo, na calçada do serviço ao chegar e sair enquanto os participantes após o grupo se deleitam a conversar e fumar despretensiosamente (ou não?). Cresce como a raiz de uma planta que se desenvolve de forma rizomática, estabelecendo conexões previstas e imprevistas, mobilizando desejos dos mais diversos e produzindo sentidos de forma contínua. Alguns desses sentidos mais próximos ou não daquilo que se imaginava para o grupo original, o próprio Caps como um todo, bem como para a pesquisa, enfim. Um ponto a ser salientado é a inclusão do pesquisador nessa produção, também ele compondo com o que vem se desenrolando (BAREMBLITT, 2010).

A cartografia dessas composições, incluindo aqui o processo de produção e intensificação da emergência desses sentidos faz parte, mesmo que de forma tímida, do escopo da proposta desse estudo, já sendo observada desde os primeiros passos do seu desenvolvimento.

Fica o dilema que se atualiza de diferentes maneiras ao longo do processo. Seria compatível propor uma articulação entre uma dimensão de pesquisa e o processo terapêutico já em curso? Uma afirmativa é possível ser proferida ao considerar essa articulação enquanto um processo de composição em que não são negadas as dimensões inerentes a cada um desses processos, como exposto anteriormente, mas a produção desse “entre” que seria sobre o qual lançar-se-iam olhares.

Resguardar o processo terapêutico, nesse sentido, teria a ver com o reconhecimento e vivência de processos que pudessem oferecer continência à possíveis disrupções de ideias ou identidades vivenciadas anteriormente (desterritorializações) propondo a passagem para novas identidades enquanto composição de novos territórios continentais que possam seguir abordando de formas significativas as necessidades das pessoas envolvidas.

Aqui é possível pensar na forma específica como se daria esse dispositivo, enfim enquanto grupo ou exercício de uma *grupalidade*. Entendendo-se o processo grupal enquanto produtor de uma constante proliferação de sentidos a operar a partir da multiplicidade do campo do inconsciente, mobilizam-se agenciamentos que produzem afecções presentes no espaço do “entre” que não pertence a nenhum participante específico do grupo, mas que, ao mesmo tempo compõe-se no acoplamento ou composição permitido pelo encontro de todos eles manifestado pelo *agenciamento coletivo de enunciação* e *agenciamento maquínico de corpos* (BAREMBLITT, 1986; BARROS, 2013).

Esta manifestação incorpórea do entre atua na potência da produção ou (re)criação do mundo, retornando aos participantes, ao ambiente em que se dá o grupo, ao bairro, cidade país ou mundo enquanto um devir minoria ou mesmo a produção de *reprodução* ou de *antiprodução*.

Seria, assim, uma escolha ético-estética e política a possibilidade de intensificação e proliferação de sentidos ou identidades capazes de estabelecer linhas de fuga ou linhas flexíveis que permitam lampejos de rompimento com a os processos de reprodutivos e antiprodutivos que no campo da reali-

dade se estabelecem de forma hegemônica, sendo responsáveis pelos diversos (micro)fascismos. Um trabalho de fato constante, pois, apesar da imanência entre dimensões instituintes e instituídas na realidade, a tendência das hegemonias a produzir serializações tende a matar o que surge de inventivo em seu nascedouro, cooptá-lo após a sua criação ou simplesmente esgotá-lo em um estado atroz de reprodução constante daquilo que outrora se manifestava enquanto inventivo.

Essa escolha vai tender a fazer um movimento de resistência na criação incessante de corpos-sem-órgãos capazes de promover de forma incessante desterritorializações necessários a produzir novos territórios existenciais possíveis a partir do desejo enquanto produção e não do desejo enquanto manifestação de falta, incompletude ou impotência (DELEUZE e GUATTARI, 2011b).

## 7. PASSOS NA COMPOSIÇÃO DO ESTUDO

A chegada no serviço implica em uma série de passos, alguns visíveis outros velados. Não significa tão somente caminhar desde uma rua lateral para, então, avistar o muro do Caps-ad e seu portão de entrada cada vez mais próximo. Ao chegar-se próximo dele em uma tarde de quinta-feira, coloca-se ali um momento importante na inserção processual no campo de pesquisa que começa com um olhar sobre o território em que está inserido o serviço.

Desde uma perspectiva cartográfica, passa por realizar a leitura de processos que se desenvolvem, intencionalidades, motivações, discursos, sensações e estéticas presentes ou ausentes no cenário. Seria possível refletir sobre tais aspectos fazendo alusão a continuidades e discontinuidades enquanto relações de causa e efeito que se entrelaçam no jogo de relações estabelecido, um movimento cristalizador de identidades que ajudam a sustentar as trajetórias dos sujeitos e instituições presentes. Outra alusão possível, e isso enquanto marca indelével da cartografia, estaria na possibilidade de reconhecimento e intensificação de algo que se produz em um “entre” ou nesse espaço de potência que habita os corpos, deixando margem à emergência de novidades na realidade (ou da “*realteridade*”, uma realidade de outra), estabelecendo fluxos de sentido que proliferam além de uma linearidade de causa efeito de cunho essencialista (BAREMBLITT, 2010; PAULON, ROMAGNOLI, 2010; ROLNIK, 1989).

Assim, enquanto dimensões imanentes entre si, a afirmação de identidades e emergência da *realteridade* fornecem um substrato ao desenho cartográfico em que tanto o ocupar-se do mundo como ele está como dele vindo a ser (em processo de devir) tornam-se possibilidades de reflexão. Nesse ponto, e daí delineiam-se os matizes ético, estético e políticos do cenário, é possível identificar e ao mesmo tempo produzir olhares que privilegiam a intensificação de quaisquer uma dessas duas dimensões que se estabelecem como pólos teóricos, entretanto não segregáveis, cujas fronteiras não podem ser demarcadas.

Esses matizes encontram no contexto da produção de cuidado em um ambiente de Caps-ad não livre de influências do modelo de compreensão do uso de drogas no campo da saúde de forma geral, bem como na sociedade. Reconhece-se que há uma identidade hegemônica vinculada aos usuários de drogas que os coloca em uma posição ambígua de periculosidade, transgressão, fragilidade, vinculação a contextos de pobreza e desprovemento de qualquer possibilidade de autonomia, sendo controlados pela droga que assume, assim, uma condição fantasiosa de ator independente. Na narrativa que segue optou-se pela composição de elementos desde as mais diferentes semióticas (verbal, imagética, corporal, entre outras), de forma a vivenciar linhas de fuga desde essas identidades hegemônicas e construir um processo de pesquisa ou uma pesquisa em processo que não se ocupe necessariamente de compreender a essência dos fenômenos observados mas que atue na raspagem de formas de habitar o mundo cristalizadas e na produção ou proliferação de sentidos, significados e identidades.

Tal perspectiva foi algo que se interpôs logo no início do processo ao buscar a anuência dos profissionais durante a reunião de equipe do serviço. Esteve claro no debate a diversidade de pontos de vista sobre o uso de drogas a partir das várias trajetórias pessoais e conhecimentos acumulados pelas diferentes profissões ali representadas, desde o porteiro até os profissionais que se reuniam na reunião de equipe. Alguns inclusive com algum domínio sobre o campo teórico que o presente estudo tem como referência.

A princípio houve o estranhamento com relação à apresentação do pesquisador e sua trajetória pessoal, enfim, o reconhecimento ou não de elementos familiares, a identidade fortemente estabelecida de médico especialista em Medicina de Família e Comunidade e a variação com a partir da especialização em Esquizodrama, Esquizoanálise e Análise Institucional como uma desvio do campo médico específico. Este último desvio, inclusive, sendo colocado como um dos olhares que possibilitou a formulação do projeto de pesquisa que estava ali sendo apresentado, particularmente devido ao *esquizodrama*.

Assim vem a pergunta sobre o que seria isto, o esquizodrama? Um nome que vem a causar um certo desconforto devido à união de um prefixo e um nome familiares, com sentidos diversos de forma isolada. Ao mesmo tempo que faz referência a um conjunto de terapias ou patologias já comuns no campo da saúde mental. Nesse ponto, observou-se algumas reações de curiosidade que salientaram-se no interesse de uma estagiária de psicologia que compartilhava daquele momento com a equipe. Como pano de fundo estava a responsabilidade dos profissionais frente ao processo terapêutico desenvolvido, ao mesmo tempo, a referência inevitável à trajetória do pesquisador e sua orientadora e aprovação anterior pelo comitê de ética. Criou-se, assim, um ambiente favorável à aprovação pela equipe do desenvolvimento do processo de pesquisa, garantindo que, ao mesmo tempo, fosse acompanhado pelos profissionais mais diretamente envolvidos e, de alguma forma, pudesse ser realizado um processo de devolutiva e experimentação junto ao grupo de trabalhadores.

Optou-se pela inserção em um grupo de práticas corporais e lúdicas que já se desenvolvia nas tardes de sexta feira que tinha como características ser um grupo aberto, com forte caráter de socialização que não possuía afiliação específica a uma vertente psicológica. Definiu-se como desafio atuar de forma a não violentar o processo grupal que se desenvolvia de modo que produzisse a desintegração do grupo, dialogando com as práticas já estabelecidas, inserindo-se no cotidiano do serviço.

## 7.1 Entre estranhamentos e apresentações

Era chegada a hora da pactuação com o grupo, para isso, foi combinado que o pesquisador iria participar de um encontro corriqueiro na sexta a tarde de forma a vivenciar as atividades que já vinham sendo desenvolvidas e poder conversar com os participantes e a facilitadora. Além disso, essa conversa permitiria reunir impressões valiosas ao planejamento das atividades subsequentes caso houvesse a aceitação de todos. Esse movimento seria facilitado pela própria característica do grupo em ser aberto, ou seja, acolhiam-se pessoas que quisessem entrar e participar, compondo com as atividades propostas em qualquer tempo.

O encontro proposto para o grupo se deu em um horário em que já haviam começado as atividades devido a problemas de acesso no caminho ao serviço. Esse episódio ajudou a salientar o desconforto do estrangeiro a achar as brechas necessárias para compor com o que hora se desenvolvia. Haveria negação? Em caso de não haver negação, haveria consentimento forçado pela posição de profissional e anuência prévia dos cuidadores? Seria um desafio poder enxergar e perceber essas contradições, possivelmente ocorrendo de forma simultânea e colocá-las também em reflexão.

Em meio à essas expectativas e ainda pouco conhecido pelos funcionários, é necessário apresentar-se ao vigia que guarda a porta e tentar chamar pela facilitadora do grupo que seria convidado a participar da pesquisa. Por sua vez o vigia pede para aguardar enquanto chama por outra funcionária que indaga sobre as intenções do visitante em uma sala a parte. É daí que chega uma pessoa que estava na reunião de equipe anterior e abre caminho para a atividade no grupo que se desenvolvia no andar superior.

Subindo as escadas, manifesta-se a preocupação de interromper um momento que pudesse ser delicado, o que logo se esvai quando, da porta, irrompe a facilitadora esbaforida pela atividade corporal intensa que saía para buscar um material que ficara de fora. Logo ela convida para entrar e da porta da sala vislumbra-se a cena de várias pessoas, homens e mulheres, idosos e adultos jovens, todos dançando em roda uma miscelânea de músicas, como pagode, samba, mpb, rock. Menos funk (isso explicado posteriormente pela facilitadora), o motivo não foi explicado...

Ao mesmo tempo, naquela sala também se acomodavam alguns poucos idosos que preferiam ficar sentados observando, dormindo ou participando quando se tratasse de algo que não necessitava levantar-se.

O ritmo era contagiante, mais ainda aquele produzido pelo movimento dos corpos dos que estavam em roda. Estimulados a dançar livremente e sem combinações prévias, colocavam-se na atividade como uma maré com seus fluxos e refluxos.... Em alguns momentos uns se atiravam ao movimento mais ou menos organizado, em outros eram outras pessoas que o faziam. Ali se misturavam passos de samba, de bolero, de hip hop e outros que não seria possível nomear. Aos poucos e sem maiores convites além da abertura do grupo que ali estava, vou me mexendo da melhor forma possí-

vel, tentando não parecer tão estranho àquela situação e, ao mesmo tempo, divertir junto com os outros participantes.

Uma situação interessante vai ocorrendo, na medida em que a atividade se desenvolve, o estímulo que a facilitadora propiciava aos participantes assumirem a condução do processo por alguns momentos, algo como um revezamento estimulado pelo êxtase do movimento e da música. Dessa forma, em vários momentos nem sempre era possível diferenciar aqueles que eram pessoas cuidadas no Caps-ad da profissional que ali estava.

O ritmo foi arrefecendo até que se mudou a consigna, agora todos deveriam acomodar-se como bem entendessem e da forma mais confortável possível, no chão sobre colchonetes, sentados em cadeiras.... Daí poderiam fechar os olhos e ouvir uma música mais suave sendo executada no aparelho de som, enquanto isso a facilitadora poderia realizar uma técnica de imposição de mãos para induzir o relaxamento. Foi um momento de intenso relaxamento em que alguns participantes acabavam por dormir.

Após a atividade, fui convidado a me apresentar. Falar meu nome, de onde vim, saciar a curiosidade que surge pela origem de outro estado no nordeste do Brasil e, assim, apresentar a proposta da pesquisa no âmbito do mestrado. Uma situação delicada, pois é importante salientar e deixar claro que não se trataria de um projeto que estaria ali para fazer das pessoas meros objetos de pesquisa, passivos, sem autonomia para dizer e fazer o que bem entendessem. Para tal, além do mero explicar, apelando para uma dimensão cognitiva, foi importante a participação na atividade do grupo (um grupo aberto, que aceita as idas e vindas de participantes ao longo de sua trajetória) em que foi possível iniciar a apresentar por uma via corpórea, acessando diferentes sensibilidades. Ao mesmo tempo, foi importante a conversa prévia entre facilitadora e participantes em outro momento que ajudou na compreensão do processo, a própria confiança que a facilitadora depositava no pesquisador também propiciou a que os participantes se sentissem mais seguros, pois, como foi evidente, o vínculo estabelecido com ela se demonstrou significativo e continente a todos.

Uma questão levantada logo de início com relação à natureza da proposta de pesquisa foi a da conciliação com aquilo que o grupo vinha caracterizando em termos de um coletivo que servia à que as pessoas se sentissem bem e, expressado de forma implícita, pudessem não simplesmente focar nas agruras envolvidas na história de cada um ali, vinculada ao uso de drogas. Foi importante no processo de pactuação colocar que o trabalho ocorreria tendo como base as histórias de vida de cada um sem, no entanto, focar naquilo que se estigmatizava como falta ou problema, mas acolhendo a vida como um todo e procurando intensificar as dimensões que seriam produtivas, que ajudassem a fazer o sentido que as pessoas quisessem dar aos seus rumos dali por diante. Da mesma forma foi garantido processo de sigilo das informações e a característica de que eles estariam ali para desenvolver as atividades junto com o pesquisador, sendo também responsáveis pelo processo.

Ao final, encerrou-se o dia com um lanche que sempre é oferecido e, para muitos, a oportunidade de fumar e conversar do lado de fora do serviço (um espaço que ocorria longe da formalidade dada pelo Caps... seria possível acessá-lo? Seria necessário ou invasivo? Pois era o que estava na governança deles para aquele dia em que não havia mais nenhuma outra atividade no serviço para fazer logo após e no qual eles poderiam exercitar outras *grupaldades* antes de retornar para casa.

Naquele dia, houve um evento que assumiu mais adiante um sentido importante para o grupo: a falta de bebida achocolatada suficiente para todos. Tal impasse ao final do grupo gerou um tensionamento que precisou da mediação de outros participantes do grupo, bem como da facilitadora em refletir sobre como poderiam contornar essa situação, a princípio promovendo uma melhor divisão para que fosse possível a todos tomar a bebida.

## 7.2 Da realidade imaginada à imaginação no concreto

O segundo encontro começa com uma série de expectativas quanto ao seu desfecho. Ele se inicia no momento de planejamento prévio com a facilitadora do grupo, associado a uma avaliação daquele que foi o primeiro encontro.

De forma geral foi houve uma impressão positiva na avaliação ao reconhecermos a integração que ocorreu do pesquisador na atividade já em curso e, ao mesmo tempo, o acolhimento por parte do grupo das atividades de pesquisa. Um ponto importante apontado pela facilitadora é a expectativa com que os integrantes possuíam frente àquele momento de participarem de uma atividade que os fizesse sentir bem, esquecendo dos estigmas vinculados ao uso de drogas. Como exemplo coloca o uso frequente de música com as quais eles costumam beber ou usar outros tipos de substâncias para, naquele espaço, experimentar outras vivências não mediadas pelo efeito de drogas.

Isso vem a reforçar a necessidade de atender a essa demanda e, ao mesmo tempo, possibilitar a constituição do campo de pesquisa segundo os pressupostos que ela traz. De forma alguma, no entanto, essas duas tarefas seriam incompatíveis dado que poderíamos inscrever esse movimento de reconstituição de formas de vivenciar o cotidiano em uma perspectiva de desconstrução de condicionamentos impostos pelos processos de homogeneização e serialização da vida, dando margem à emergência da multiplicidade.

Um desafio possível é pensar até que ponto produzimos singularidades, abandonando as formas de representação dados ao usuário de drogas sem cair na armadilha da definição de novos campos de produção de identidades cristalizadas alimentadas agora pelo serviço dito terapêutico e, no nosso caso, no contexto de pesquisa?

Com essas indagações em mente, foi pensada a constituição de um percurso a partir do olhar sobre as trajetórias de vida dos integrantes do grupo. Uma abordagem que permitiria a identificação de cenas ou composição de cenas que pudessem fazer proliferar outros sentidos em momentos subsequentes.

Foi planejado, assim, a realização de um trabalho de alongamento, conforme já vinha sendo realizado todas as tardes, seguido da experimentação de aquecimento através de dança. Posteriormente uma atividade de relaxamento e exercício de imaginação em que poderiam relembrar episódios de suas vidas para então produzir uma obra a partir dessas imagens tendo recursos diversos como papel, canetas coloridas, revistas, cola, entre outros. Ao final, haveria uma conversa sobre o vivido no grupo e avaliação do dia.

Assim, a segunda tarde com o grupo se inicia com a costumeira atividade de alongamento conduzida pela facilitadora que trabalhou todas as principais cadeias musculares com movimentos harmoniosos ao som de sua trilha sonora já costumeira composta de músicas da música popular brasileira, samba, entre outras.

Em seguida, o pesquisador inicia com sua atividade de aquecimento. Explorando a curiosidade vinda de sua origem nordestina, refere que geralmente as pessoas que vêm de muito distante têm coisas diferentes para mostrar que no local em que estão não são usuais. Podem ser movimentos, jeitos de falar, entre muitas outras coisas. No caso dele, contribuindo com a atividade do grupo, gostaria de experimentar dançar a ciranda; assim, começa indagando se já ouviram falar desse tipo de dança.

Muitos dizem que não, alguns lembram da música mais famosa que se coloca em um jogo infantil “Ciranda, cirandinha...”. Nesse momento a facilitadora lembra que se trata de uma ciranda dançada por adultos, coisa que desperta curiosidade em alguns. E assim, passo após passo, com evoluções à frente e atrás, o grupo vai aos poucos aprendendo os movimentos. Inicia sem música, experimentando um movimentar mais puro, marcando o ritmo com os pés e girando em sentido anti-horário. Em seguida é executada a primeira música que atravessa os corpos de uma maneira interessante, animando a evolução e fazendo o grupo acertar os passos e, ao mesmo tempo, perder o medo de errar, criando as pequenas saídas necessárias para se deixar levar pela música e os outros colegas. Era a Ciranda do Escuta que iniciava com uma melodia suave e bem marcada enquanto uma voz entusiasmada falava de como o cortejo de brincantes poderia trazer alegria, curar feridas da vida e do coração... daí seguia:

#### CIRANDA DO ESCUTA

Perto do coração  
Aqui mesmo,  
Escuta meu amor  
Desenha o sol pra mim  
Ciranda meu amor, se lembra que a cidade é lenda  
E eu nem sei contar.  
E a nossa rua acorda uma canção feliz (2x)  
Mora no sertão do teu olhar a minha rua  
E acorda uma canção feliz, e a nossa rua acorda uma canção feliz (LINHARES, 2012)

Daí veio a Ciranda da Rosa Vermelha (VALENÇA, 2009):

A rosa vermelha é do bem querer  
A rosa vermelha e branca ei de ama até morrer (2x)

Teu beijo doce tem sabor do mel da cana  
Oh Mariana, Maria meu doce amor  
Sou tua cama, teu engenho, teu moinho.  
Mas sou feito um passarinha que se chama beija flor (2x)

Quando tu voas pra beijar as outras flores, eu sinto dores, um ciúme, um calor  
Que toma o peito, o meu corpo invade a alma, só teu beija a flor me acalma  
Serei sempre o teu amor (2x)

E finalmente veio Moreno Cirandeiro (ITAMARACÁ, 1977):

Minha ciranda não é minha só, é de todos nós, é de todos nós  
A melodia principal quem diz é a primeira vós, é a primeira voz.  
Pra se dançar ciranda juntamos mãos com mãos  
Formamos uma roda cantando uma canção. (3x)

No decorrer das músicas o grupo continuava com os passos de maneira cada vez mais energética, alguns rindo, outros olhando para o chão, muitos inventando novas evoluções, daí que se continuou com a dança, subvertendo os movimentos iniciais. Estimulando o grupo a se colocar da maneira que quisesse foi colocada a consigna de experimentar novas maneiras de dançar: saindo da formação inicial para dar um passeio pela sala, voltando, entrelaçando-se, fazendo piruetas, girando sobre o próprio corpo.

O processo foi assim evoluindo em um crescendo de intensidade pela velocidade e proliferação de diferentes evoluções até que encontrou lentamente o descanso com o alentecer da música. Convidados a pegar um colchonete ou cadeira, o grupo foi se aquietando procurando perceber como estava o corpo naquele momento após a atividade, observando a respiração e, aos poucos tomando um lugar definido com na sala segundo o que mais lhe parecia confortável.

Era a passagem para o próximo momento da tarde em que, embalados por uma música instrumental de fundo e convidados a acomodarem-se o mais confortáveis possível, podendo inclusive fechar os olhos (aqui um deles decide manter-se com os olhos abertos) os participantes iniciam o processo de imaginação guiada. A partir das sugestões do pesquisador, são convidados a entrar em estado de relaxamento com a observação da respiração das diferentes partes de seu corpo. Posteriormente são convidados a se transportarem para uma viagem etérea que os leva até o lugar em que viviam durante a infância e lá até um espelho onde podem se enxergar. No reflexo sugere-se que percorram todas as marcas de um passado que constituiu a imagem que viam, procurando acolher de forma respeitosa a história de vida própria, com tudo o que ela teve.

Então, a partir da sugestão de um ambiente seguro e aconchegante, são convidados a realizar a transmutação de marcas de vida que os incomodavam a partir da sugestão do violeta enquanto uma cor que traria vitalidade. Nesse momento eram convidados a lentamente movimentar seu corpo e retornar de seu processo imaginativo, por fim, abrindo os olhos e se dando conta do que estava ao seu redor. Pelo menos um deles decidiu ficar com os olhos abertos o tempo todo, decisão que foi acolhida e respeitada no momento, e outro caiu em sono profundo, tendo que ser acordado após a atividade.

Em seguida foi proposto que tomassem o material diverso que estava à disposição para produzir algo que dissesse dessa história de vida de cada um e das vivências imaginativas. Estava ali papel, canetas coloridas, cola e revistas. Muitos desenharam, duas pessoas decidiram escrever e outro escolheu uma figura de revista.

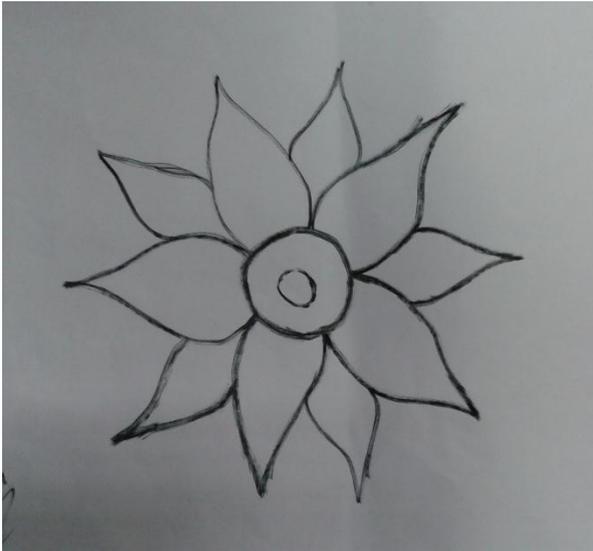
Figura 1 – Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Em um mundo onírico, misturam-se referências da infância na visão de céus estrelados que iluminavam a noite, ajudados pelas velas de um tempo em que não havia possibilidade de energia elétrica. Tudo emoldurado pela natureza do lugar com suas árvores e plantas características.

Figura 2 – Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Um girassol, colocado em destaque como referência de si.

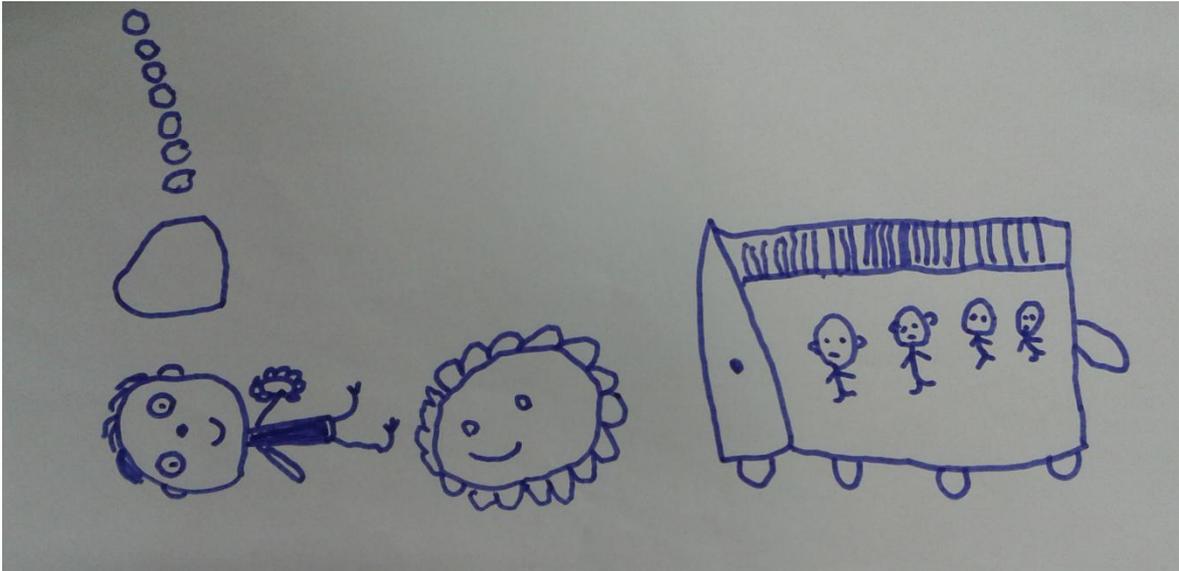
Figura 3 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

O contraste entre o estar livre em um ambiente repleto de árvores e espaços abertos e o permanecer em um espaço fechado, restrito, sem possibilidades maiores de expressão de si para o mundo, em que a única perspectiva de vida está na realidade formatada e violenta à volta.

Figura 4 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Quando se estava no ambiente da infância, cercado por pessoas conhecidas e referências felizes. Ali se produziam sonhos em que a possibilidade de vida parecia brilhar.

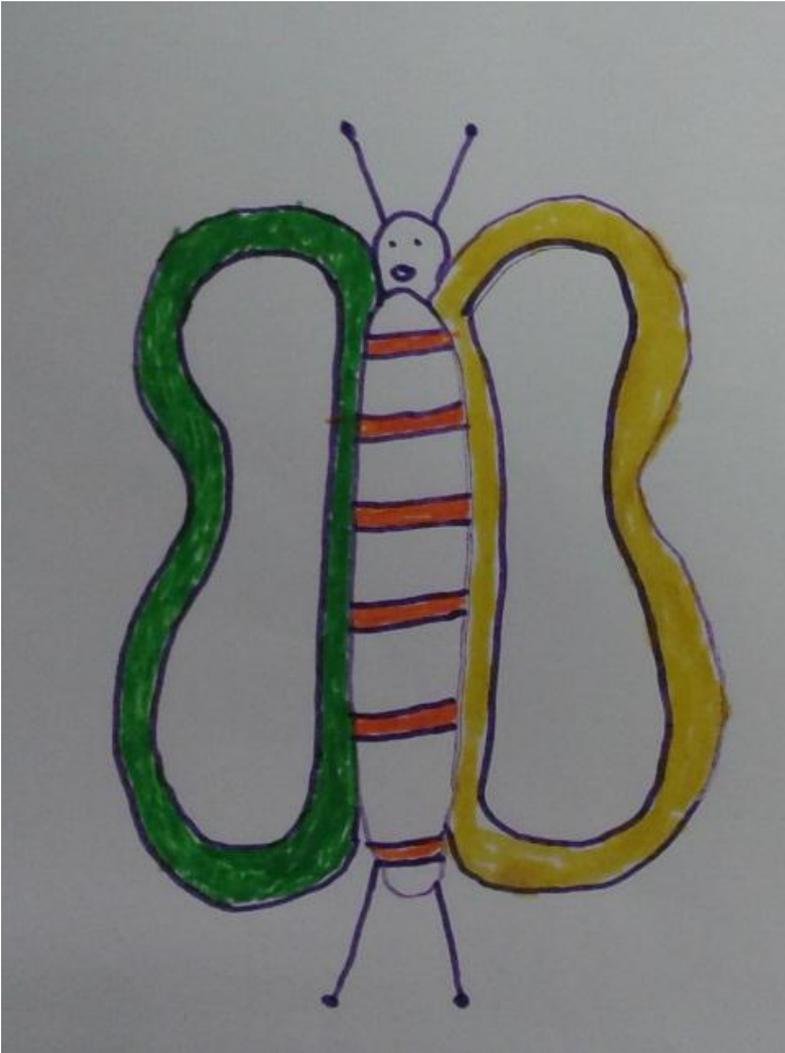
Figura 5 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Em outra experiência de desenho, a ligação com a natureza e o ambiente bucólico enquanto possibilidade de geração de alegria, relativizando as agruras dos problemas do cotidiano.

Figura 6 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Uma borboleta que voa e paira livre no ar, dá a impressão de que não tem problemas e que vale a pena permanecer assim sem preocupações.

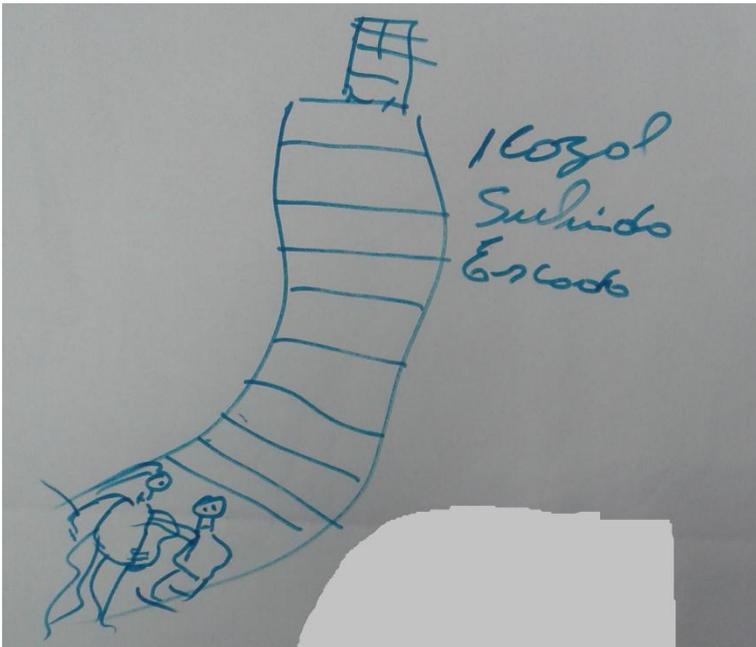
Figura 7 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Em um mundo que se assemelha a um caminho, alguns caem e ficam para traz, mesmo que sejam ajudados. O percorre o caminho da vida é incerto.

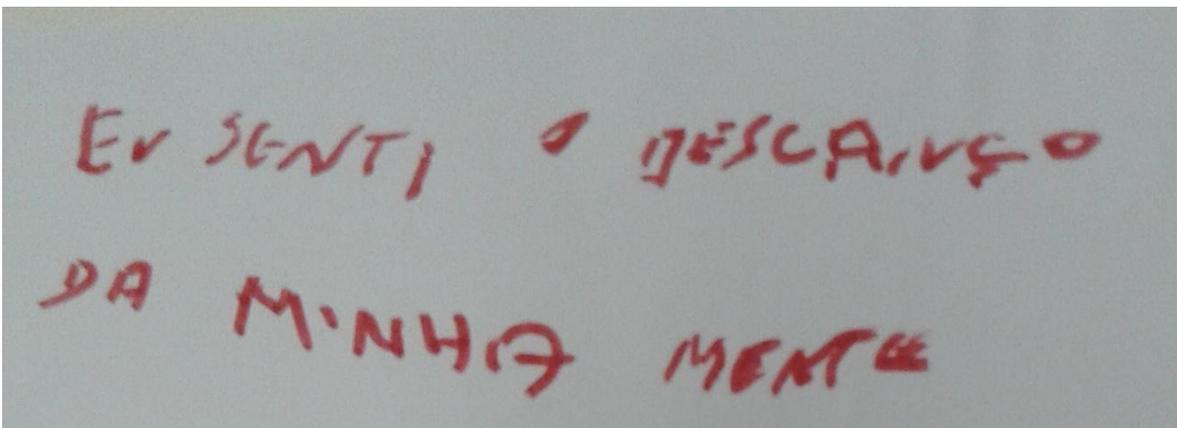
Figura 8 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Em um caminho de desenvolvimento pessoal, um casal de mãos dadas vai subindo as escadas em busca de seu objetivo comum, não há garantia de como chegarão lá, mas devem continuar pois apoiam-se um no outro com firmeza para superar as dificuldades da caminhada.

Figura 9 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Expressando aqui o percebido na vivência de grupo que estava se desenvolvendo, este participante fala sobre a sensação que nomeou por descanso em sua mente para falar sobre uma porção de sua história de vida que ali de desenvolvia.

Figura 10 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Aqui foram desenhados vários elementos da infância como em mosaico, a menina que nada no mar, a chuva de folhas secas, o passeio de barco na baía, a casa da infância com seu animal de estimação e sua árvore, cenário de muitas brincadeiras.

Figura 11 - Colagem produzida em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

A figura recortada com a intenção de mostrar o horizonte de uma cidade coloca a referência urbana que o participante tem de sua história de vida e como a cidade com todos os seus elementos, trânsito, construções, relações de trabalho, entre outros acabaram por influenciar fortemente a sua percepção da vida.

Figura 12 - Desenho produzido em atividade grupal.



Fonte: elaborado por integrante do grupo de vivências do estudo.

Em mais um desenho, colocaram-se os elementos da casa da infância, com sua construção e a árvore que era de referência para a criança em seus brinquedos.

As figuras geradas no contexto da atividade que apresentaram conteúdos diversos que foram depois explicados pelos seus respectivos autores. Muitos referiram demonstrar elementos da sua infância, bucólicos, relacionados à natureza do lugar do primeiro lugar de residência. Outros, situações vinculadas ao uso de drogas em que alguns perseguem o objetivo último de seguir vivendo em uma alusão clara a um processo evolutivo e outras ficam no meio do caminho e são esquecidas. Estas, mesmo com a ajuda de outras pessoas, experimentariam as suas quedas e muitas vezes não conseguiriam erguer-se mesmo com a ajuda de outras pessoas. Finalmente alguns relataram a experiência vivida naquele momento, apresentando elementos relacionados à sensação de relaxamento e um texto que dizia o mesmo.

Na conversa em grupo, foi possível aos participantes comparar as suas produções e ouvir dos outros o que eles achavam com relação aos significados dos seus desenhos. As mais diversas interpretações surgiram, algumas coincidentes, outras que procuravam expressar outros sentidos possíveis a partir da imaginação de cada um. O grupo ficou, assim, em meio a sensação do certo e do errado com relação ao sentido posto a princípio e a composição possível de significados que abriu espaço à expansão da conversa desde esse lugar da infância até os mais diversos lugares de produção social e afetiva que iam sendo lembrados e compartilhados nas falas apoiadas pelos desenhos.

Lembrar de tais lugares, muitas vezes acabava por mobilizar uma série de sentimentos, alguns reconfortantes por serem provenientes de memórias e possibilidades de vivências futuras que são reconfortantes ou dizem de um desejo atual de potencialização de relações de trabalho, lazer, afetivas, entre outras. Outras vezes mobilizavam sensações desconfortáveis ao remeterem-se a situações em que as limitações da vida, algumas delas relacionadas ao uso de drogas, outras não, acabavam por fazer aflorar um ressentimento com relação ao vivido.

Colocar essas situações com a sua respectiva mobilização afetiva em relação umas com as outras e propiciar a proliferação de sentidos entre elas funcionou no processo grupal como um elemento de continência para os conteúdos apresentados, procurando ultrapassar um movimento circular de ressentimento. Ao contrário, propunha-se o movimento de espiral contínua em que a história (re)criada vai, por opção ético-estético-política, mobilizando potências de vida no reconhecimento desta enquanto uma obra de arte assumida pelos participantes em composição com o mundo que os cerca. Não mais sozinhos ou responsáveis por uma mistificação individualista e meritocrática.

### 7.3 Produzindo vidas na intensidade da cena

O encontro vivenciado fez atravessar pelo grupo uma série de cenas estruturadas de forma a compor enredos ou mesmo imagens e ideias; além dos desdobramentos através da reflexão produzida. Também possibilitou enxergar alguns lampejos daquilo que seria mais significativo e mobilizador para o encontro seguinte que foi planejado na perspectiva de reunir elementos das cenas produzidas anteriormente para seguir intensificando a emergência do inventivo e fazendo proliferar sentidos. Assim, propôs-se um aquecimento seguido pela transposição dos desenhos para imagens corporais ou pequenas encenações com enredo. Ao final haveria um momento para reflexão.

Foi realizado um aquecimento, produzindo dança, risos, movimento. Alongando cadeias musculares e inibições que passaram a se desfazer no frenesi da música.

Sob o convite de revisitar as produções do encontro passado, o grupo foi convidado a se dividir em pequenos grupos e, dentro de 15 minutos refletir sobre os desenhos e tentar expressar com o corpo, sem usar palavras o que ele mostrava ou composições sobre o que ele mostrava. Depois de tudo, foi pedido a que os que só observavam relatassem o que perceberam da cena demonstrada de forma a ser confrontado com a ideia original.

Primeira cena: no casamento, voam grãos de arroz no que se transformou a chuva original e o casal então parte para a sua lua de mel a nadar na baía da Guanabara, estrelas no céu...

Segunda cena: os homens de mãos dadas caminham e um deles cai, aparece a surpresa no grupo observador que se manifesta com expressões de preocupação. Uma outra pessoa vai então tentar erguer o caído que enfim não consegue mais se levantar... a moça que sai a voar, borboleta saindo do casulo?

Terceira cena: a casa, a árvore, a remada, o mar, que vira lua, jornada a vista.

Quarta cena: a mulher que descansa totalmente relaxada, árvores, conversa...

O vivenciar a composição dessas cenas assumiu no percurso do grupo mais um espaço de proliferação de sentidos que deu continuidade à proposta da produção de desenhos do momento anterior. Aqui, colocou-se em perspectiva novamente a multiplicidade de sentidos possíveis para o vivido, dessa vez experimentando a transposição semiótica da imagem no papel para a imagem composta pelos próprios corpos dos participantes. Assim, experimentaram outras sensações que os mobilizou de forma diferente. Poderia-se pensar, a princípio, que estariam de alguma sorte sentindo-se repetindo de forma enfadonha as cenas dos desenhos; no entanto, recriaram-se a partir de movimentos corporais histórias por vezes completamente diferentes do concebido nos desenhos à primeira vista, tanto por parte dos grupos que produziram as cenas em relação ao autor original dos desenhos, quanto por parte dos grupos observadores que puderam dizer o que entenderam da cena muda que lhes foi apresentada.

A intensificação da deriva de sentidos foi então tomando curso e mobilizando a inventividade dos participantes que assumiram o processo de forma autônoma. Da mesma forma, ficou para eles

patente a possibilidade de recriação de si enquanto possibilidade na experiência dramática em curso e também na trajetória do vivido fora do espaço do grupo. Muitas vezes para eles foi importante pensar-se na vivência de algo que ao mesmo tempo tem a ver com um corpo atravessado pelo uso de drogas, também não se resume a isso e avança para uma multiplicidade de possibilidades de produção de participação social.

Um movimento concreto nesse sentido foi o desejo expresso por alguns de seguir com as experimentações a partir da composição de cenas corporais. Relembavam aqui de momentos em que já haviam experimentado o mesmo no âmbito do serviço, tendo sido gratificante e estimulante. Essa fala, particularmente, surge para caracterizar momentos de grande satisfação por terem realizado todo o processo por eles mesmos em um contexto de descontração e reconhecimento por parte do serviço de saúde.

Esse retorno expressado ao final do encontro foi importante para reforçar o percurso que ora tomava a pesquisa por tocar de forma prazerosa em questões significativas das trajetórias de vida dos participantes. Aparecia ali a possibilidade também de trabalhar a expressividade (nesse caso através de linguagens do teatro) como um aspecto importante no contexto do tratamento que ali faziam e, mais ainda, como produtor de vida em sua dimensão mais ampla, para além do tratamento de saúde.

Certamente não seria o objetivo da atividade ali desenvolvida o desenvolvimento de habilidades teatrais segundo alguma escola específica almejando um virtuosismo profissional. Reconhece-se, no entanto essa linguagem, no contexto desenvolvido pela pesquisa, como uma potência a ser salientada e reconhecida, compondo com o que os participantes do grupo já traziam enquanto experiências teatrais ao oferecer o olhar do pesquisador com seus marcos teóricos descritos previamente. Aqui sem pressupostos de hierarquia de saberes ou pretensões interpretativas, visto que tal característica já é inerente ao referencial proposto para essa pesquisa, mas situando-se no campo da imanência. Desse modo, não foi uma preocupação o dizer que algo que se produziu enquanto elaboração artística situada nessa ou naquela escola de modo adequado, mas procurou-se trabalhar na intensificação daquilo que os participantes já traziam enquanto experiência de qualquer ordem.

#### 7.4 Experiências de intensificação da assembleia do Caps-ad

Em uma reflexão acerca do conteúdo das cenas produzidas até então pelo grupo, foi pensado como seria possível desdobrar a experiência de corpo produzida até então, fazendo-a dialogar com outros espaços formais de participação social. Assim, foi planejada a produção de cenas a partir da vivência da assembleia do Caps-ad que se caracteriza por um espaço de gestão coletiva do serviço de saúde em que as pessoas que estão ali para ser cuidadas podem refletir e assumir decisões possíveis com relação à convivência no serviço.

Nessa proposta não haveria mais a transposição dos desenhos, mas da memória recente para o corpo. A intensão foi de trabalhar com conteúdos que estariam possivelmente encontrando ressonância em sentimentos mais intensos (ou não), bem como possibilitar a composição com detalhes que poderiam ser facilmente resgatados pelos participantes. Ao mesmo tempo, salientar uma vivência de participação social que foge ao domínio da vida cotidiana que foi amplamente expressa nos dias anteriores a partir das histórias de vida de cada um. Assim, planejou-se a tarde com o alongamento associado a exercício de respiração e consciência corporal. Em seguida, o grupo faria a produção e apresentação de cenas a partir de assembleias vivenciadas pelo grupo, seguidas de conversa em grupo acerca do encontro.

Na chegada na sala de grupos, novamente ocorre a organização das cadeiras e mesas para ceder espaço às vivências. Os participantes nesse dia se encontram ansiosos aguardando o início na antessala, como de costume, se dirigindo para a sala assim que o horário de início do grupo se aproxima.

A primeira proposta da tarde foi uma série de atividades de alongamento corporal associadas a música seguidas por um exercício de respiração e consciência corporal. Para este último foi solicitado aos participantes que tomassem uma posição confortável, deitada em colchonetes ou sentada nas cadeiras disponíveis. Aos que se posicionaram deitados foi solicitado, caso fosse confortável, que pudessem deitar sobre as costas e dobrar as pernas de modo a pousar a planta dos pés totalmente no chão.

Assim, pediu-se que pudessem ao som da música colocada naquele momento, respirar profundamente de forma a tentar perceber o próprio corpo se movimento ao saber da respiração. Aqui tentar ver as diferenças entre a respiração que ali desenvolviam e aquela de crianças pequenas que geralmente desenvolvem movimentos respiratórios com foco no abdômen. A consigna dada foi que tentassem durante o exercício respirar como se fossem crianças, procu-

rando sentir com a própria mão pousada sobre o abdômen os movimentos respiratórios desenvolvidos.

Ao mesmo tempo, sugeriu-se que, de acordo com o desejo e no ritmo de cada um, pudessem de tempos em tempos inspirar e prender o ar por 5 segundos e, ao mesmo tempo, realizar uma leve pressão dos pés no chão, a contração da musculatura do períneo e do músculo transversal do abdômen. Em seguida a esses segundos, relaxar e seguir respirando normalmente procurando perceber as sensações corporais ao longo do processo.

Após realizarem a atividade por cerca de 10 minutos, foi realizada conversa sobre as sensações que ocorreram durante a vivência, procurando enfatizar em aspectos que chamaram a atenção na mobilização de zonas corporais que geralmente não são utilizadas dessa forma e sobre as quais não é colocada uma maior atenção. Segue-se falando acerca desse corpo que é utilizado pelas pessoas das mais diferentes formas sem dar maior atenção e com podemos mobilizá-lo de maneiras diferentes do usual, por exemplo, no teatro.

Seguindo a vivência da tarde, também dando continuidade ao trabalho de composição de cenas iniciado no encontro anterior, foi proposta a consigna de que os participantes pudessem se dividir em dois grupos e cada um teria cerca de 15 minutos para refletir sobre momentos em que estiveram na assembleia de usuários do Caps-ad e, a partir daí, produzir uma cena para apresentar ao outro grupo. Essa cena poderia ser exatamente igual a alguma situação vivenciada na assembleia ou mesmo uma composição de elementos que eles acharam interessante de várias reuniões desse tipo das quais participaram no serviço.

A identificação com a atividade foi intensa desde o início, na discussão animada sobre o que fazer os grupos chegaram rapidamente a um consenso sobre o que apresentar, montando um pequeno roteiro, dispondo de elementos que se encontravam na sala para servir de adereço e até ensaiando algumas falas para tentar dar mais segurança a alguns que tinham dúvidas sobre o que falar.

Na apresentação as duas cenas versaram sobre o problema da mudança na rotina de fornecimento de alimentação pela empresa terceirizada que estava atuando já há algum tempo. O conteúdo das falas basicamente relatou como agora eram fornecidos lanches menores, que bebidas achocolatadas ou sucos não vinham em quantidade e qualidade suficientes e que nem sempre eram fornecidas bebidas quentes durante o inverno.

Após as apresentações, convidou-se os participantes a se sentar e refletir um pouco sobre o que havia ocorrido. De início, a mobilização do tema gerou um debate intenso entre todos os presentes que, de forma espontânea já disseram que ali havia se convertido o debate

em uma espécie de assembleia, reafirmando o conteúdo das cenas e a necessidade de abordagem do problema. Refletiu-se sobre como o conteúdo apresentado foi coincidente, que ambos se complementavam. Também sobre a forma como foi apresentado, visto que para um grupo a cena foi mais tranquila no debate e para o outro houve maior exaltação e utilização de adreços para reforçar a queixa (objetos representando os alimentos que antes vinham em maior quantidade).

Foi conversado sobre como a depender da forma como o corpo é movimentado a comunicação do que eles gostariam pode modificar apesar do conteúdo explícito que se apresentou. Assim, deu-se o exemplo de uma das integrantes que foi solicitar algo à técnica de referência do serviço que teve que negar. Exercitou-se naquele momento reviver como se apresentava o corpo da profissional de saúde e da usuária, desvelando a relação estabelecida a se expressar a partir do tom de voz, da posição da cabeça e dos ombros e da movimentação do corpo.

Foi proposta nesse sentido, a possibilidade da vivência também como um ensaio para futuras incursões nos espaços do Caps-ad destinados à discussão sobre os problemas vivenciados pelas pessoas que o procuram. Também, lembrou-se de como muitos ali gostaram das experiências que tiveram com a montagem de peças de teatro, o exemplo trazido foi a experiência da festa junina do serviço em que eles produziram um espetáculo com a temática do casamento na roça. Como uma proposta de seguimento, foi pactuada a continuidade no exercício de composição de personagens no próximo encontro.

## **7.5 Composto personagens na visualização de territórios de vida a partir do serviço de saúde**

Durante o momento seguinte foi proposta atividade de alongamento e relaxamento ao início em que procurou-se trabalhar os diferentes grupos musculares e proporcionar maior integração do grupo na tarde em questão. Para tal, foram realizadas vivências de massagem e alongamento em dupla, seguida de momento de favorecimento da consciência corporal a partir de exercícios de respiração e contração de cadeias musculares específicas.

Posteriormente, foi dada a consigna de que os participantes se reuniram em grupos de pequenos para refletir durante quinze minutos sobre uma pessoa que todos conhecessem. Preferencialmente, alguém que estivesse no cotidiano do serviço de saúde. Após a conversa, iriam compor cenas que pudessem dizer da expressividade da pessoa de quem falavam, sem, no entanto, preocupar-se com a tradução literal dos movimentos. Assim, foram formados três grupos que iniciaram a atividade.

Como resultado, os dois primeiros grupos decidiram de forma espontânea apresentar uma cena sobre uma outra pessoa (que não estava ali no momento) que realizava tratamento no serviço e o último elegeu compor uma cena de acerca da pessoa em tratamento no serviço e que chega em situação de crise ou de recaída no uso de drogas.

A partir do vivenciado pelos dois primeiros grupos, foi possível refletir acerca dos diferentes sentidos percebidos pelos dois grupos acerca da mesma pessoa. Que, apesar das características comuns percebidas, o enfoque assumido pelos dois grupos foi diferente, a partir das situações vivenciadas com a pessoa escolhida para ser o personagem. A composição das diferentes memórias, associada ao olhar singular de cada um dos participantes, imprimiu um viés de singularidade nas apresentações, mesmo elas tratando da mesma pessoa para a composição do personagem.

Com relação à cena do último grupo, foi possível refletir acerca do corpo da pessoa que chega para ser atendida no Caps-ad. Um corpo que expressa, antes mesmo da verbalização, uma série de mensagens que dizem de seu estado atual, suas intenções e motivações para ali se encontrar.

A princípio, ficava patente a questão do corpo da pessoa que chega em situação de recaída no uso de drogas. O grupo expressou esse corpo enquanto aquele que permanece em situação de submissão, com olhar cabisbaixo, fala tímida e envergonhada. Em um primeiro momento a apresentação permanecia mais superficial até que eles foram convidados a realizar

a intensificação dessas características, levando-as até um limite de sentido possível naquele momento. A partir dessa cena, propôs-se a composição de um outro corpo, daquele que correspondia à pessoa que chega sem a suposta crise com o serviço. Daí envolveram-se pessoas dos outros grupos que realizaram a composição de um personagem com um andar confiante, que se movimento como se estivesse dançando, com a cabeça erguida e um olhar para a frente, experimentaram vários participantes realizar a intensificação desse caminhar.

Refletiu-se em conversa posterior como estavam as duas características em estados opostos e como o corpo da pessoa que não se encontrava em uso era praticamente um corpo redimido. A problematização seguiu perguntando-se até que ponto essas características dos dois corpos não poderiam estar misturadas em algum momento. Também até que ponto o suposto fracasso da recaída não poderia ser relativizado frente a um contexto mais amplo de cuidado de si no qual também se insere o projeto terapêutico proposto pelo serviço de saúde.

## 8. CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIVIDO

O percurso de pesquisa que veio se produzindo vem a revelar a potência do trabalho corporal enquanto um dispositivo potencializador de dimensões veladas no discurso verbal imediato. O deixar-se afetar pela produção de um corpo que se constitui na relação com o outro veio a potencializar um deslocamento de olhar sobre si e sobre o mundo que ajuda a proliferar sentidos e significados para além dos condicionamentos impostos pelas hegemonias do mundo que podem chegar até o nível relacional mais íntimo.

A pretensão de generalização assumida por algumas correntes do pensamento científico coloca o produto deste estudo em um impasse importante que tem a ver com a sua finalidade. De fato, aflora-se um tensionamento acerca da validade do produzido dada à sua impermanência e necessidade constante de atualização nos diferentes cenários dados da pesquisa e mesmo em tentativas outras de reprodução do processo.

Nesse sentido, a apresentação desse construto final se afirma enquanto uma escolha ético-político-estética sobre um modo de ser e de estar no mundo no qual a pergunta mais importante vem a ser o “Como?” e não o “O que?”. Nesse sentido, afirma-se a possibilidade do exercício da singularidade de forma incessante que daí pode prescindir da reprodução ou representação como base de partida, e colocar-se na imanência e vivência enquanto um processo de reinvenção das formas de ver o mundo.

A possibilidade de proliferação de sentidos desvelada na produção do coletivo participante da pesquisa nos coloca um desafio de impermanência. Que o percurso pode ser trilhado sem necessariamente almejar alcançar o seu fim e que o produzido até aqui, mesmo com o horizonte de tentar chegar ao esgotamento das cenas exercitadas, de fato não logrará tal feito.

A desterritorialização e reterritorialização constantes que então se assumem acabam por tocar o sujeito participante em sua integralidade e, a depender das escolhas feitas, inúmeras dimensões podem ser intensificadas. Nesse estudo foi feita a opção pela dimensão da participação, mesmo assumindo que não seria possível revelá-la por inteiro; muito pelo contrário, aqui toma-se essa suposta limitação como uma potência na possibilidade de trabalho não com a representação da trajetória participativa, mas com a sua reinvenção a partir do trabalho corporal.

Foi o experimentado no corpo dos participantes que forneceu pontos necessários à composição de uma cartografia de afecções. Esse processo permitiu a problematização direta

de espaços de participação formais e informais, mais ou menos organizados, colocando de forma não hierárquica as entradas possíveis no mundo.

Mais ainda, permitiu o ensaio de territórios de indeterminação, produzindo no não visível e sensível afecções enquanto potência de um corpo-sem-órgãos que anseia pela produção de novos territórios existenciais para além dos condicionamentos estabelecidos pelo lugar do usuário de drogas na sociedade atual.

Permitiram-se ali os participantes a caminhar na possibilidade da produção desse discurso do fora do qual fala Alcântara (2005), procurando intensificar os movimentos do *corpo-emprocesso* que se instauravam e se recriavam nos caminhos das atividades propostas. Esse corpo-sem-órgãos ali se desdobrava em discursos que o habitavam de formas audíveis ou não, mas especialmente sensíveis ou apreensíveis pelas mais diversas semióticas. Não se pensou em esgotar, até por considerar isso impossível, as possibilidades de proliferação a partir desse processo, houve sim uma intencionalidade deliberada de pôr-se em movimento constante, rejeitando a normalização ou padronização acerca de suas experiências.

Nesse sentido, foi importante experienciar uma série de transposições semióticas ao longo dos encontros propostas de forma a realizar o enfraquecimento de modos de enxergar o mundo hegemônicos e avassaladores para os participantes e deixar brechas à emergência de outros. Nesse sentido, foi importante o enfoque de uma série de dimensões corpóreas e imagéticas que se entrelaçavam com o discurso falado, subvertendo-o. Mesmo que se produzam outros discursos a partir dessa subversão, ainda assim foram percebidas fissuras nessa passagem que animavam a proposição de outros exercícios de forma a tentar fazer surgir outras fissuras.

Nesse contexto, o dramaturgo Artaud faz um relato ao seu amigo Jean Paulhan que diz de sua tentativa a partir do *Teatro da Crueldade* de tentar criar essas linhas de deriva às quais ele atribuía a chance de fazer reunir novamente corpo e linguagem, pensamento e vida, de forma a atuar em um campo de imanência:

A crueldade é sobretudo necessidade e rigor. A decisão implacável e irreversível de transformar o homem em um ser lúcido. Desta lucidez nasce o novo teatro. Todo nascimento implica também em uma morte. Para dar origem à minha “crueldade” será necessário cometer um assassinato. É preciso assassinar o pai da ineficácia no teatro: o poder da palavra e do texto. O texto é o deus todo-poderoso que não permite ao verdadeiro teatro nascer. Ao atentar contra a palavra, atentamos contra nós mesmos. Até agora, é a linguagem verbal o que nos permite compreender o mundo. E o compreendemos mal. Ao assassinar a linguagem verbal, estamos assassinando o pai de todas as nossas confusões. Por fim, seremos livres. Isto vale não só para o teatro. Seremos homens livres em todos os aspectos de nossa vida (LIMA, 2010, p. 44-45).

A intencionalidade do reconhecimento e intensificação dessas fissuras não livrou, no entanto, o grupo da experiência da força avassaladora dos discursos normatizadores e serializados que vez por outra se avizinham. Muitas vezes isto ocorria a partir do conteúdo de discursos ao permanecer no apego sedutor ao sentido mais cômodo atribuído ao que era vivido ou que servia de substrato à proposição de movimentos, cenas imagens, entre outros. Outras vezes ocorria a partir do simples desejo de dar um lugar subalterno às experiências outras para além da semiótica verbal. Por exemplo, quando o grupo deixava-se seduzir pela tentativa de deixar tudo explicado através da palavra, não permitindo que algo fique sem essa tradução.

De fato, aí exercitam passar para além desse rótulo, colocando-se em singularidade e desafiando o modelo estabelecido. Os caminhos trilhados a partir daí não podem ser previstos; haveria de ser a formação de um grupo de teatro por parte de alguns integrantes do grupo mais mobilizados pela experiência? Seria a intervenção de forma mais consistente na assembleia do Caps-ad enquanto intensificação de mecanismos de auto-gestão? Seria a participação em qualquer outro movimento organizado ou mesmo a integração na vida comunitária de seu bairro de forma mais intensa? Não é possível delimitar de forma absoluta os caminhos possíveis, entretanto aquilo que é possível vivenciar hoje de forma a intensificar as singularidades e confrontar os limites e couraças estabelecidos visíveis e invisíveis, percebidos racionalmente ou sentidos nos corpos é uma opção ético-estético-política vivida pelo grupo.

Essa opção, ao gerar uma multiplicidade de caminhos, a princípio poderia denotar uma limitação com relação à produção de caminhos de participação política específicos, que penetrem as instituições tradicionais com as quais o grupo tende a se relacionar, o próprio Caps-ad, por exemplo. A falta de direcionamento ou estrutura definida que poderia incidir em uma ação mais vigorosa, entretanto, está igualmente eivada de um potencial outro, mais amplo, que ao mesmo tempo que agrega a possibilidade da ação articulada também se coloca no contexto da produção de desejo e do desejo enquanto produção que habita as mais diversas dimensões das pessoas. Assim, como um agricultor que planta uma semente e deixa que ela se ramifique em sua plena potência, experimentar fazer proliferar as forças que movimentam o desejo, ramificando-as, tende a constituir de formas inventivas de transformação da realidade para além do esperado.

Não podemos assumir, entretanto, que esse processo é livre de interferências resultantes da tendência de perceber o usuário de drogas enquanto detentor de uma identidade estática, com a marca indelével de faltas estruturais que possui em sua relação com o mundo. O reconhecimento dessa percepção vem a dialogar com um modo de produção de subjetividade

que pode ser chamado de capitalístico ao propor a homogeneização dos sujeitos em estruturas serializadas e universalmente adaptáveis a qualquer pessoa. Propõe, dessa forma, a anulação da singularidade a partir de mecanismos de negação do inventivo, cooptação ao transformar o que surge de inventivo em algo funcional à manutenção da serialização subsequente ou esgotamento ao acelerar ou lentificar ao extremo os processos de inventividade de forma a esgotá-los e levá-los à destruição. Esses seriam os chamados mecanismos de controle da realidade sobre os lampejos de uma realidade outra (*realteridade*) advindos de inventividade do caos (BAREMBLITT, 2010).

Os processos de subjetivação propostos a serem reconhecidos e intensificados pela atividade desenvolvida estaria situado para além de normatividades disciplinares focar-se na emergência de algo percebido enquanto “novidade”. Conforme discutido anteriormente, não o novo enquanto algo tangível e absoluto (visto que o novo absoluto está em um polo teórico, tal como o caos), mas imanente às dimensões serializadas ou normativas presentes nas superfícies da realidade, aqui especificamente destacamos aquela relacionado às trajetórias de vida de pessoas que usam drogas que assumem dentro de um processo de serialização uma identidade estática e absoluta em uma ilusão transcendente. Pensando as trajetórias de vida de forma imanente perceber-se-ia a singularidade inerente a cada uma, algo a que se propõe o olhar aqui desenvolvido.

Outra tendência hegemônica em tensionamento com a proposta a ser desenvolvida vem a ser a compreensão e exercício da *grupalidade* que se coloca na sociedade atual enquanto uma mera transição situada no dualismo entre indivíduo e sociedade que reúne identidades individuais imiscíveis e estáticas. Tal compreensão serve a composição do grupo no capitalismo que tem por protótipo o grupo familiar, considerado uma pequena unidade desterritorializada. A lógica familiarista responsável pela produção de uma subjetividade que se acompanha de uma situação social desterritorializante. Os sujeitos pussem de antemão uma “má consciência” em relação aos outros, sujeitos que levam a marca de uma onipresente falta em uma visão privatista do inconsciente (SAIDÓN, 2008).

Aquilo que seria uma territorialização possível para além do familiarismo ou do modelo de subjetividade considerado saudável tendo como foco a triangulação edipiana acaba por ser rechaçado como patológico, assim o grupo na sociedade capitalista passa a ser compreendido sob esse viés de forma predominante. Significaria, assim, a redução de toda a potencialidade da vivência grupal a interpretações únicas e estanques baseadas no modelo de constitui-

ção do psiquismo proposto baseado no território familiarista, por exemplo, as funções paterna, materna, o lugar dos filhos, relações fusionais, entre outros conceitos.

A crítica a essa forma de compreensão em que se baseia a intervenção proposta nesse estudo traduz-se na possibilidade não da simples negação do que estava antes posto, mas antes do reconhecimento da imanência entre este modo de produção de subjetividade, aqui reconhecido como capturado por um modelo de predominante capitalista e outros modos que por vezes estariam velados, mas sempre estão presentes. A experimentação aqui desenvolvida parte do pressuposto da intensificação desses modos velados enquanto possibilidade de escapar a toda e qualquer serialização, dando margem à inventividade enquanto pressuposto a ser perseguido. Este, como já dito anteriormente, não a custo da destruição ou produção de anti-produção, mas situando-se no contexto do parir constantemente algo que se aproximaria do chamado ovo cósmico que, segundo uma série de mitologias antigas, teria dado origem ao universo. Ou seja, um corpo imaterial, incorpóreo, situado em uma zona de “entre” dos corpos tangíveis e, ao mesmo tempo imanente a eles, que oferece um interior não delimitado por órgãos, mas que está ali pleno de potência, circundado por uma casca, uma metáfora para uma estrutura tangível e continente aos processos psicossociais, que impeça a simples destruição de todo o sistema e possibilite a emergência de novos territórios existenciais, bem como a desterritorialização possível (BAREMBLITT, 2010; DELEUZE, GUATTARI, 2011b; SAIDÓN, 2008).

Da produção desses corpos-sem-órgãos, potencializou-se a dimensão do conceito de grupelho segundo proposto por Guattari (1987). A partir das tentativas de pôr em relação as identidades produzidas pela si e para o mundo a partir da vivência do grupo, experimentou-se a os seus desdobramentos em miríades de possibilidades que se sentiam não poderem ser esgotadas. De fato, a partir das discussões algo sempre ficava a ser acrescentado, incluído; desde o trabalho com o corpo sempre havia algum desdobramento corporal que poderia ser feito; das imagens sempre restaria algum resquício de luz e sombra a se esgueirar pelos contornos do papel.

Esse comum que se escolheu produzir e intensificar a partir da vivência não se enquadraria ali na mera semelhança, adaptabilidade ou sociabilidade do grupo social, reafirmadores de desterritorializações constantes em benefício do território familiarista se propondo absoluto e, justamente por isso, mistificador, paranóico. Ao contrário, acaba por servir à invenção de um corpo coletivo (ou corpos) no âmbito de um movimento de constante desterritorialização e territorialização.

A vivência dessas singularidades vem a mobilizar fluxos de intensidades diversas na perspectiva da produção de corpos-sem-órgãos continuamente. Exercitam-se assim, os participantes enquanto co-autores de si mesmos, do entre produzido por eles na possibilidade (re)criação do mundo. Essa vivencia criativa vem a inaugurar-los enquanto poetas de si na composição de seu corpœscritura (corpoema) propondo trajetórias de participação em diálogo com seus desejos e potencialidades ao invés do enfoque aterrador nas faltas reconhecíveis naqueles que estão em conflito com a linha de produção de subjetividade da sociedade capitalista ou em captura por essa mesma linha de produção.

## 9. NA POTÊNCIA DA CENA A POSSIBILIDADE DA EMERGÊNCIA DA SINGULARIDADE

É possível considerar aqui uma reflexão acerca do método empregado no transcórre desse estudo e suas possibilidades enquanto processo terapêutico, já que aqui tratamos especificamente de um contexto em que isto se deu em um serviço de saúde.

Mais ainda, enquanto um dispositivo de intervenção no mundo, ao ousar pensar a visão de mundo proposta enquanto algo que pode ser exercitado por escolha ética nos mais diferentes cenários de produção de vida. Enfim uma abordagem que, centrando-se na pragmática propõe reconhecer a imanência enquanto alternativa necessária a transcendência, colocando-se em um lugar de intensificação de dimensões ou lampejos de um “novo absoluto” em meio à hegemonia serializadora ou instituída que se estabelece no mundo.

Essa proposta, para o campo da saúde mental e, particularmente, para o campo do cuidado a pessoas com problemas com o uso de álcool e outras drogas vem a convergir com um longo processo, no mundo e no Brasil, de procurar realizar o questionamento às instituições manicomiais. Aqui, propõe-se de fato, o aprofundamento desse questionamento e a produção de incessantes territórios de vida ao se reconhecer e intensificar a singularidade emergente a partir do *corpoemaprocesso*.

A partir da consideração de que o fenômeno das drogas se coloca a partir de duas situações distintas, enquanto experimentação vital e enquanto buraco negro. A primeiro dá conta de um processo de mediação de vivências qualitativamente diferentes do cotidiano, uma delas a partir do fugir dos processos de serialização impostos pela sociedade. Outra seria a de, em um movimento circular em que não há busca pelo novo, mas um estado de produção de reprodução em que o viver é mediado pela próxima dose, nesse sentido, aprofundando uma serialização de outra ordem.

A partir do reconhecimento da possibilidade produtiva vinculada à vivência da pessoa que usa drogas é possível apostar na invenção de um cuidado e uma relação com essas pessoas que não tem necessariamente na erradicação do uso o seu objetivo mais importante, mas na produção de vida (que pode ou não incluir o uso de drogas) um território fértil à proliferação de formas de viver sem a centralidade na falta ou na transgressão que precisa ser corrigida, mas na potência de vida (BAREBLITT, 2010; BICHUETTI, 1999).

A clínica esquizoanalítica que se inaugura nesse viés vem a trazer de volta uma dimensão de impermanência, afugentando os medos das travessias incessantes produzidas a

partir dos territórios de vida que estão em contante mutação. Sobre esse dito *homem-travessia*, Bichueti (1999) escreve em sua leitura sobre Guimarães Rosa:

O homem-travessia, o homem que escuta o próprio coração, fugindo daquele pesar, o pesar de Riobaldo: “aquele pesar, que me quebrantava”.  
 A clínica do homem e do amor tem consigo gravada histórias de pesar, também, “do tamanho do mundo e, igualmente, pesar que “está em toda a parte”.  
 Amores não-vividos. Sonhos desprezados.  
 Diante de muitos pesares, que aparecem no lamento de quem chora, a clínica assiste o quebranto daqueles que temeram seguir seus próprios desejos e se acomodaram às expectativas do mundo.  
 Temeram o peso da reinvenção da vida, vida-travessia>  
 Os que se aventuram e respeitam o próprio desejo já não choram: fazem o viver com as próprias mãos.  
 O homem-travessia, assim, aceita o desafio de se aventurar e ir atrás do próprio desejo, maquinando novos contornos para o sertão.  
 “Todo amor vale a pena”. Toda vida vale a vida.  
 A travessia, desfecho do romance de Rosa, é um agenciamento disparador da vida pela vida. (BICHUETTI, 1999).

Como um dispositivo utilizado para essa abordagem coloca-se ainda a cena como mediadora de travessias. E aqui, experimentando-se a emergência de atores coloca-se a potência da arte, aqui vivenciada na perspectiva do esquizodrama, enquanto (re)criação do mundo. Lima, ao citar Artaud coloca então sobre esses atores:

Necessito atores que sejam, antes de tudo, seres, isto é, que em cena não tenham medo da sensação verdadeira de uma facada e das angústias, absolutamente reais para eles, de um suposto parto... Não se trata de tornar verdadeiros os sentimentos aos que se apela, mas de mostrar obstinadamente seres no lugar dos sentimentos a que se apela. (...) Antes da alma está o grito do verdadeiro, e o verdadeiro é um movimento dos ossos, porque os ossos do insondável retumbam nos abismos de nossa pobre natureza que tem sido pisoteada por demasiados séculos (LIMA, 1999, p.75).

Essa busca para além do instituído no fazer desses atores vem a propiciar a produção de algo que está para além do primitivo, da essência, mas está na imanência do corpo, no “...movimento dos ossos...”. Esse corpo que está para além da essência seria justamente o dito corpo-sem-órgãos a que aspira o ator enquanto possibilidade de superação das identidades dualistas nas quais o mundo encontra-se imerso, tais como homem/mulher, alto/baixo, gordo/magro, adulto/criança, homem/animal. O ator pode, assim, aspirar a um devir minoria para além do idealismo hegemônico, experimentando-se na produção de um mundo novo desde o espaço do exercício cênico propriamente dito até o percurso da vida cotidiana. A este percurso podemos também denominar esquizodramático, atualizando-se desde o ambiente terapêutico até os mais diferentes espaços de produção social.

O esquizodrama, segundo concebido por Baremlitt (2010), vem a fomentar uma *clínica*, assim escrita com a letra “k” de modo a relacionar-se com a idéia de *clinamen* dos filósofos atomistas estóicos e dos epicúreos. Tal prática propõe a centrar-se no desvio enquanto uma escolha deliberada a afastar, com os devidos cuidados para continência, os que o experimentam das estruturas institucionalizadas que atravessam a vida cotidiana, deixando emergir o novo. Vem ao encontro, nesse sentido, do *homem-travessia* possibilitando a sua contínua produção.

Compreende uma séria de vivências *clínicas* que permanecem em contínua transformação a depender da demanda que se estabelece. Não pressupõe, assim, um receituário definido a partir de uma idéia única ou totalizante de pessoa saudável, mas pressupõe, segundo a perspectiva da esquizoanálise no enfoque direcionado ao processo mais do que nos fins possíveis. Assim, o lidar com as situações desafiadoras que se interpõem teria a ver com proliferação dos sentidos possíveis do viver, fazendo-os passarem pelo corpo em suas mais diferentes semióticas. Aqui, produzindo-se um plano de consistência necessário a um reterritorializar-se em novas e inventivas subjetividades.

Não se pretende aqui com essas experimentações afirmar a completude desse processo, dando conta de algo que não mais precisa ser visto ou cuidado. Por própria definição, esse *homem-travessia* ou *mulher-travessia*, *criança-travessia*, enfim, uma *identidade-travessia* vem a inaugurar um processo incessante de movimento em direção à novidade da produção de vidas. Não aquela romântica que se encontra encerrada e cristalizada nos livros de literatura ou mesmo nos manuais das mais diferentes profissões da saúde, mas aquela que se encontra em devir, produzindo-se no livro da vida como diria Florbela Espanca a considerar-se perdida em seu sonhar (ESPANCA, 2014).

Esse sonhar, entretanto, se inscreve não na possibilidade de redenção pelo alcance de um estado de plenitude por se inundar de um amor idealizado. Ao contrário, pela possibilidade de vivenciar o amar (ou mesmo de um viver) enquanto verbo e processo esquizodramático na produção e si e do mundo (*corpoescritura*).

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. A. **A Psiquiatria no divã: Entre as Ciências da Vida e a Medicalização da Existência.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004, 166p.
- ALCÂNTARA, C. **Corpoemaprocesso/teatro desessência.** 2005. 218 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Departamento de Teoria Literária do Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **Substance-Related and Addictive Disorders.** Disponível em: <<http://www.dsm5.org/Documents/Substance%20Use%20Disorder%20Fact%20Sheet.pdf>>. Acesso em: 15 jul2014.
- BAREMBLITT, G.F. **Compêndio de Análise Institucional e outras Correntes: Teoria e Prática.** 5ª ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002, 260p.
- BAREMBLITT, G.F. **Introdução à Esquizoanálise.** 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Fundação Gregorio Baremlitt/Instituto Félix Guattari, 2010, 138p.
- BAREMBLITT, G.F.; GUATTARI, F.; LEITÃO, M.B.S. **Grupos: Teoria e Técnica.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986, 219p.
- BARROS, R.B. **Grupo: a Afirmação de um Simulacro.** 3ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina/Editora da UFRGS, 2013, 350p.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999, 276p.
- BICHUETTI, J. **Lembranças da Loucura.** 1ª ed. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1999, 128p.
- BRASIL. Decreto-Lei 891 de 25 de novembro de 1938. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De10891.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De10891.htm)>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- BRASIL. Lei nº 10.216 de 16 de abril de 2001ª. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm). Acesso em: 20 dez. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas.** 1ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Abordagens terapêuticas a usuários de cocaína/crack no Sistema Único de Saúde: texto preliminar destinado à consulta pública. <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/abordagensus.pdf>. Acesso em 10 set. 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos [online]. Disponível em <URL: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em 24 set. 2013.

DELEUZE, G. **L'Épuisé**, in Samuel Beckett, *Quad et autres pieces pour la télévision*, Paris, Minuit, 1992, p. 71.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977 152p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: vol. II. São Paulo: Editora 35, 1997a, 128p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: vol. V. São Paulo: Editora 34, 1997b, 240p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. III. São Paulo, Ed. 34. 2004, 119p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011a. 127p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011b, 559p.

EPELE, M. **Sobre o cuidado de outros em contextos de pobreza, uso de drogas e marginalização**. Mana 18(2): 247-268, 2012

ESPANCA, F.A.C. Fanatismo. In: **Livro de Sórora Saudade**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. p. 3. Disponível em: <http://www.projetolivrolivre.com/Livro%20de%20Sorora%20Saudade%20-%20Floribela%20Espanca%20-%20Iba%20Mendes.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

FALKEMBACH, E. M. F. **Diário de Campo**: um instrumento de reflexão. Revista Contexto/Educação, Ijuí, Unijuí, v. 7, s.d.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e solidão. In: MOTTA, M. B. (Org). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 92-103. (Ditos e escritos, 5).

FRÚGOLI JR, H. **Sociabilidade Urbana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007, 71p.

GARBI, S. L.; TOURIS, M. C.; EPELE, M. Técnicas de cuidado y subjetivación em cuidado com as de drogas. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 7, July 2012 .

GAUTHIER, J.Z. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas**. Non25. Rev. Bras. De Educação, 2004

GIOVANELLA et al. **Políticas e Sistema de Saúde no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012, 1100p.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, 230p.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ITAMARACÁ, L. Moreno Cirandeiro. *In: ITAMARACÁ, L. A Rainha da Ciranda*. Rio de Janeiro: Tapeçar, 1977. 1 CD. Faixa 7.

LEMOS, I. **O Gozo Clínico do Toxicômano**. *Mental* – ano II – n. 3 – Barbacena – nov. 2004. p. 51-60

LIMA, M.E.R. **Três Esquizo Literários: Antonin Artaud, Raymond Roussel e Jean-Pierre Brisset**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina/Editora da UFRGS, 2010, 200p.

LINHARES, A.M.B. Ciranda do Escuta. Intérprete: Grupo Escuta de Teatro e Música. *In: Grupo Escuta de Teatro e Música. Jogueiros e Guerreiros Novos*. Fortaleza: Espaço Cultural Frei Tito de Alencar – Escuta, 2012. 1 CD. Faixa 1.

LÓ, A. Integração Social e Estratégias de Mediação. **Toxicodependências**, Lisboa, v. 17, n. 1, 2011.

LOMBA, M. L. L. F.; APOSTOLO, J. L. A.; CARDOSO, D. F. B. Violência em ambientes recreativos noturnos de jovens portugueses: relação com consumo de álcool e drogas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, Sept. 2012.

MATTOS, R. A. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, Out. 2004.

MENDONÇA FILHO, F. P. **Cuad. Antropol. Soc.** N.31, Buenos Aires jan./jul. 2010.

NARDI, H. C. **Ética, trabalho e subjetividade**: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2006 222p.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. 1ª ed. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2007.

OLMEDA, M.-C.A. **La Historia de la Prohibición**. Editora Random House Mondadori, 2013

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Declaração de Caracas de 14 de novembro de 1990. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_caracas.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_caracas.pdf). Acesso em: 20/12/13

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008, 272p.

QUEIROZ, I. S. Os programas de redução de danos como espaços de exercício da cidadania dos usuários de drogas. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 21, n. 4, Dec. 2001.

QUEIROZ D. T., Vall J., SOUZA A. M. A., VIEIRA N. F. C. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-83, 2007.

PAULON, S.M.; ROMAGNOLI, R.C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia Social**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 85-102, Jan-Abr 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>>. Acesso em 03/08/2015.

RAMMINGER, T. **Trabalhadores de Saúde Mental: Reforma Psiquiátrica, Saúde do Trabalhador e Modos de Subjetivação nos Serviços de Saúde Mental**. 2005. 118f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

RIOS, J. A. Participação. In: SILVA, B. (coordenador geral). **Dicionário de Ciências Sociais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1987, p. 869-70.

ROBERTO, C.S. CONTE, M.; MAYER, R.T.R.; TOROSSIAN, S.D.; VIANNA, T.R.. Drogas e trabalho: uma proposta de intervenção nas organizações. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 22, n. 1, Mar. 2002.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (org.). **Cultura e subjetividade: saberes Nômades**. Campinas: Papirus, 1997, pp.19-24.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, Aug. 2009.

ROMANÍ, O. **Las Drogas: sueños e Razones**. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1999, 219p.

SAIDÓN, O. **Devires da Clínica**. 1ª edição. São Paulo: Editora Aderaldo & Rothschild, 2008, 183p.

SANTIAGO, J. **A Droga do Toxicômano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 224p.

SANTOS, T. S. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 22, dec. 2009.

STOTZ, E. N. Participação Social. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro, RJ, 2009. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/parsoc.html>>. Acesso em: 15 jul 2014.

TEDESCO, S.; SOUZA, T.P. Territórios da clínica: redução de danos e o novos percursos éticos para a clínica das drogas. In: CARVALHO, S.R.; BARROS, M.E.; FERIGATO, S. (Orgs.). **Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 141-156.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, 176p.

VALENÇA, A.P. Ciranda da Rosa Vermelha. In: VALENÇA, A.P. **Ciranda Mourisca**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2009. 1 CD. Faixa 12.

WANDEKOKEN, K.D.; SIQUEIRA, M.M. **Discursos políticos e a rede de atenção aos usuários de substâncias psicoativas.** *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 88, p. 105-112, jan./mar.2011.

## ANEXO 1

Para o transtorno de uso de substâncias o DSM V (AMERICAN PSYCHIATRIC SOCIETY, 2013) recomenda a presença de dois ou mais critérios dos seguintes critérios:

- uso constante da substância, resultando na falência para preencher obrigações no trabalho, escola ou em casa. Uso constante da substância em situações fisicamente comprometedoras;
- um forte desejo ou urgência em usar a substância (fissura);
- uso contínuo apesar de ter um problema social ou interpessoal persistente ou constante;
- tolerância:
  - necessidade de quantidades aumentadas da substância para atingir intoxicação ou efeito desejado;
  - efeito diminuído com o uso contínuo da mesma quantidade de substância.
- abstinência:
  - síndrome de abstinência característica da substância;
  - a substância ou outra parecida é usada para aliviar os sintomas de abstinência.
- uso em grande quantidade, ou por período maior do que o intencionado;
- desejo persistente;
- grandes períodos de tempo usados em atividades para obter, usar ou recuperar-se da droga;
- reduzir ou abandonar atividades sociais, recreacionais ou ocupacionais;
- uso continuado apesar do conhecimento de ter um problema físico ou psicológico.

Já a CID-10 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1993) considera dependência o agrupamento de três ou mais dos requisitos a seguir:

- um desejo forte ou senso de compulsão;
- dificuldade em controlar o comportamento de consumir a substância (início, término e nível de consumo);
- estado de abstinência fisiológica ou uso da substância com intenção de aliviar ou evitar os sintomas da abstinência;
- evidência de tolerância;
- abandono progressivo de prazeres ou interesses alternativos em favor do uso da substância; aumento da quantidade de tempo necessária para obter, tomar a substância ou recuperar-se de seu efeito;

- persistência no uso , a despeito de evidência de consequências nocivas. Deve-se determinar se o usuário estava consciente da natureza e extensão do dano.

## ANEXO 2

Primeiro encontro:

- O que significa participação social para você?
- Como ocorre a participação social na minha vida?
- Como ocorre a participação social para as pessoas que usam drogas?

Demais encontros:

- Como têm sido a relação da participação social com as atividades em que tenho participado no meu serviço e na minha comunidade?

## APÊNDICE 1

### Termo de consentimento livre e esclarecido

**Título do Estudo: “Trajetórias de participação de usuários de drogas atendidos em serviços da rede de atenção psicossocial”**

**Nome do Pesquisador Responsável: Felipe Silveira da Costa**

**Nome do Professor Responsável: Alcides Silva de Miranda**

**Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

Saudações,

Convidamos o (a) Sr (a) \_\_\_\_\_ para participar da Pesquisa “Trajetórias de Participação de Usuários de Drogas atendidos em serviços da rede de atenção psicossocial” realizada em um Serviço de Tratamento para Álcool e outras Drogas, a qual pretende conhecer a realidade da participação social de pessoas usuárias de drogas. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS.

O estudo foi cadastrado na Comissão de Pesquisa da Eenf/UFRGS e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, protocolo nº 1.232.788, além de aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Nossa Senhora da Conceição/Grupo Hospitalar Conceição (HNSC/GHC), protocolo nº 1.289.788, e segue a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa em humanos.

Assim, pedimos que o(a) Sr(a). leia com atenção este documento e busque esclarecer suas dúvidas antes de concordar com sua participação.

A sua participação no estudo não oferece riscos adicionais para sua saúde, além daqueles que eventualmente o(a) Sr(a). está exposto quando participa de algum grupo ou oficina grupal.

A sua participação no estudo será realizada em um grupo composto por 8 a 15 pessoas. Este grupo realizará de 4 a 8 encontros semanais ou quinzenais, a combinar com todos os membros. A duração de cada encontro será de cerca de 2 horas. Nesses encontros estarão serão realizadas atividades corporais, vivências, desenhos, pinturas e conversas de maneira a possibilitar a reflexão sobre as trajetórias de participação social das pessoas. Esses encontros poderão ser gravados, filmados e fotografados E após o término da pesquisa, o material gravado, filmado ou fotografado será inutilizado, pois o único objetivo do mesmo é permitir a coleta de dados para a pesquisa. Os pesquisadores se comprometem, assim, em jamais divulgar ou disponibilizar este material para outros fins.

O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração pela sua participação neste estudo. Não há benefícios diretos em sua participação no estudo, mas ela participação pode contribuir a conhecer melhor as maneiras de participação e organização de usuários de drogas, o que pode ajudar formulação de políticas públicas para esses usuários.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo e mantido seu anonimato.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a). desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

A qualquer momento, o(a)Sr(a). poderá se manifestar e requisitar informações sobre o estudo, a partir do contato com os pesquisadores, ou mesmo com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS.

Uma vez que concorde com os termos deste documento e aceite em participar desta pesquisa, solicitamos que assine esse documento, rubricando todas as páginas.

Desde já, agradecemos a sua atenção.

#### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Declaro que também fui informado:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.
- De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim.
- Da garantia que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa.
- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com o pesquisador: Alcides Silva de Miranda, telefone 51-3308-5096, e-mail: alcides.miranda@ufrgs.br e endereço: Anexo da Saúde-UFRGS. Rua Ramiro Barcelos, 2777, Sala 155. Porto Alegre – RS, CEP-90035-007.
- **Também que, se houverem dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com Daniel Demétrio Faustino da Silva, Coordenador-geral do Comitê de Ética em Pesquisa do GHC pelo telefone 3357-2407, endereço Av. Francisco Trein 596, 3º andar, Bloco H, sala 11, das 09h às 12h e das 14h:30min às 17h**

Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Local e data: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Orientando \_\_\_\_\_ Assinatura do Pesquisador Orientador \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) também poderá entrar em contato com:

Responsáveis pelo estudo:

- **Felipe Silveira Costa**, Médico, Estudante do Programa de Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.- **Endereço:**Prédio

EducaSaúde Rua Antônio Carlos Guimarães, 155 – 2º andar – Centro – Porto Alegre/RS – CEP 90050-382

- **Telefone para contato:** (51) 3308 5096

- **E-mail para contato:** felipecosta.ce@gmail.com

- **Alcides Silva de Miranda**, Médico, Professor Adjunto IV e Pesquisador dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- **Endereço:** Anexo da Saúde-UFRGS. Rua Ramiro Barcelos, 2777, Sala 155. Porto Alegre – RS, CEP- 90035-007

- **Telefone para contato:** (51) 3308 5096

- **E-mail para contato:** alcides.miranda@ufrgs.br

**- Comissão de Pesquisa (COMPESQ):**

**Coordenadora:** Lilian Córdova Espírito Santo

**Coordenador Substituto:** Alcindo Antônio Ferla

- Telefone (51)3308-5369

**- Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRGS:**

Av. Paulo Gama, 11 - Sala 31 Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060.

- **Telefone:** +55 51 3308 3738 / **E-mail:** [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br)

**- Comitê de Ética em Pesquisa do HNSC/GHC:**

**Coordenador-geral:** Daniel Demétrio Faustino da Silva

Av. Francisco Trein, 596, 3º andar, bloco H, sala 11, das 09hs às 12hs e das 14h:30min às 17 hs

**Em caso de participantes que não puder ler e escrever:**

Este formulário foi lido para \_\_\_\_\_  
(nome do paciente) em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (data) pelo \_\_\_\_\_ (nome do pesquisador) enquanto eu estava presente.

Obs.:

não esquecer de colocar campo de assinatura da testemunha, nome e data.

Assinatura da Testemunha

Nome:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Obs.: Caso o participante do estudo não poder consentir e ser maior de idade, o TCLE deve ser direcionado ao seu acompanhante responsável.

## APÊNDICE 2

### Termo de autorização para o acesso e consulta de documentos institucionais

**Título do Estudo: Trajetórias de usuários de drogas atendidos em serviços da rede de atenção psicossocial**

#### Declaração

Nós, Felipe Silveira da Costa e Alcides Silva de Miranda, abaixo assinados, pesquisadores responsáveis pelo projeto identificado acima, aprovado pela Comissão de Pesquisa da EEnf/UFRGS, protocolo s/nº, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, protocolo nº 1.232.788, além de aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Nossa Senhora da Conceição/Grupo Hospitalar Conceição (HNSC/GHC), protocolo nº 1.289.788, nos comprometemos a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos e documentos institucionais do ....., bem como a privacidade de seus conteúdos, como preconizam os Documentos Internacionais e a Res. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Informo que os dados a serem coletados dizem respeito a estudo “Trajetórias de usuários de drogas atendidos em serviços da rede de atenção psicossocial” realizado no período de Julho a Dezembro de 2014.

#### Responsáveis pelo estudo:

- Felipe Silveira da Costa, Médico, Estudante do Programa de Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço: Prédio EducaSaúde Rua Antônio Carlos Guimarães, 155 – 2º andar - Centro - Porto Alegre/ RS - CEP 90050-382

Telefone para contato: 51 – 9600-3161

E-mail para contato: felipecosta.ce@gmail.com

- **Alcides Silva de Miranda**, Médico, Professor Adjunto IV e Pesquisador dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Endereço: Anexo da Saúde-UFRGS. Rua Ramiro Barcelos, 2777, Sala 155. Porto Alegre - RS, CEP- 90035-007

Telefone para contato: (51) 3308-5096

E-mail para contato: alcides.miranda@ufrgs.br

- Comissão de Pesquisa (COMPESQ):

**Coordenadora:** Lilian Córdova Espírito Santo

**Coordenador Substituto:** Alcindo Antônio Ferla

Telefone: (51) 3308-5369

---

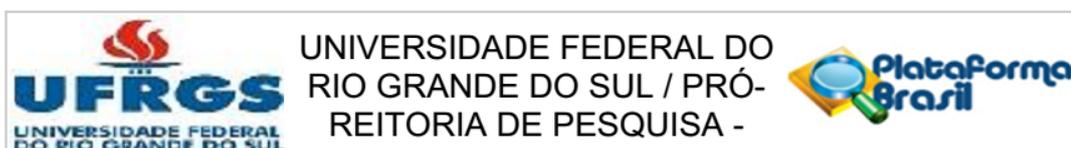
Assinatura do Pesquisador Orientando

---

Assinatura do Pesquisador Orientador

Local e data: \_\_\_\_\_, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## APÊNDICE 3



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Trajetórias de participação de usuários de drogas atendidos em serviços da rede de Atenção Psicossocial.

**Pesquisador:** Alcides Silva de Miranda

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 48768515.0.0000.5347

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.232.788

#### Apresentação do Projeto:

Trajetórias de participação de usuários de drogas atendidos em serviços da rede de Atenção Psicossocial, um projeto de Alcides Silva de Miranda. Esse projeto já foi analisado e aprovado e está sendo re-submetido para adequação a exigências da instituição co-participante.

#### Objetivo da Pesquisa:

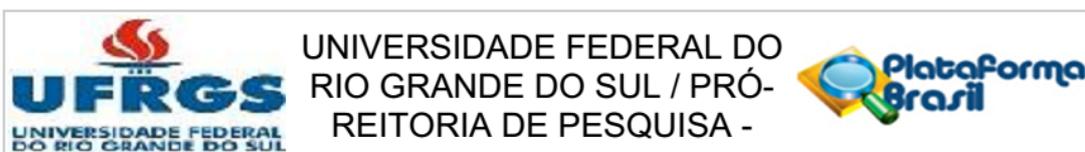
Objetivo Principal:

Compor um percurso vivencial, corpóreo e reflexivo sobre trajetórias participativas de usuários de drogas a partir serviços da Rede de Atenção Psicossocial de Porto Alegre, região metropolitana e Passo Fundo.

Objetivo Secundário:

Refletir sobre os caminhos das políticas públicas sobre drogas desveladas a partir de práticas cotidianas no contexto do SUS. Sistematizar práticas desenvolvidas no serviços que dialogam com o tema da participação social. Refletir acerca de trajetórias de participação social reveladas a partir das vivências desenvolvidas em encontros grupais com usuários de drogas de serviços da Rede de Atenção Psicossocial.

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
**Bairro:** Farroupilha **CEP:** 90.040-060  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 1.232.788

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Esse estudo não traz benefícios diretos para os participantes. Pode gerar conhecimento para área da saúde coletiva. Os riscos são explicitados no TCLE e são relacionados a fazer parte deste tipo de grupo de estudo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

É uma pesquisa exploratória e qualitativa para conhecer mais o problema dos usuários de drogas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos presentes.

**Recomendações:**

Aprovação do projeto como apresentado.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovação do projeto como apresentado.

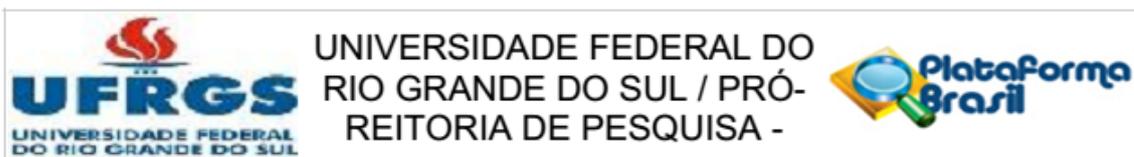
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento  | Arquivo  | Postagem               | Autor                    | Situação |
|---|--|------------------------|--------------------------|----------|
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | projeto_de_qualific.pdf  | 28/08/2015<br>16:47:01 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf                                 | 28/08/2015<br>16:47:27 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Declaração de Pesquisadores                               | Termo_de_autorizacao_para_o_acesso_e_consulta_de_documentos_institucionais.pdf | 28/08/2015<br>16:50:07 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Declaração de Pesquisadores                               | Termo_de_compromisso.jpg   | 28/08/2015<br>16:51:38 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros  | Print_Sistema_UFRGS.pdf  | 28/08/2015<br>16:52:47 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros  | Carta_ao_CEP.pdf   | 28/08/2015<br>16:53:16 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros  | Cartaz_convite_para_projeto.pdf  | 28/08/2015<br>16:54:27 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
**Bairro:** Farroupilha **CEP:** 90.040-060  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 1.232.788

|  |   |                        |                             |        |
|--|---|------------------------|-----------------------------|--------|
| Outros   | Parecer_Compesq_Felipe.pdf                        | 28/08/2015<br>16:56:23 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros   | Curric_Lattes_Alcides.pdf                         | 28/08/2015<br>16:58:08 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros   | Curriculo_Lattes_Felipe.pdf                       | 28/08/2015<br>16:58:45 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros   | PARECER_CONSUBSTANCIADO_FELI<br>PE.pdf            | 28/08/2015<br>17:00:07 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros   | parecer_qualificacao.pdf                          | 28/08/2015<br>17:01:38 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros   | PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_<br>CEP_1164980_E1.pdf | 28/08/2015<br>17:02:52 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros   | Relacao_dos_integrantes.jpg                       | 28/08/2015<br>17:03:47 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Declaração de<br>Instituição e<br>Infraestrutura | Termo_de_anuencia.jpg                             | 28/08/2015<br>17:19:30 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Declaração de<br>Pesquisadores                   | DECLARACAO.pdf                                    | 28/08/2015<br>17:24:14 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Folha de Rosto                                   | folhaderosto.pdf                                  | 28/08/2015<br>16:42:11 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Informações Básicas<br>do Projeto                | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P<br>ROJETO_581093.pdf  | 28/08/2015<br>17:25:35 |                             | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 17 de Setembro de 2015

Assinado por:  
**MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA**  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
**Bairro:** Farroupilha **CEP:** 90.040-060  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br

## APÊNDICE 4



GRUPO HOSPITALAR  
CONCEIÇÃO/HOSPITAL  
NOSSA SENHORA DA

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Trajetórias de participação de usuários de drogas atendidos em serviços da rede de Atenção Psicossocial.

**Pesquisador:** Alcides Silva de Miranda

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 48768515.0.3001.5530

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.289.778

#### Apresentação do Projeto:

Este projeto visa realizar uma cartografia das dimensões da participação social de usuários de drogas vinculados a um serviço de saúde que ofereça tratamento a pessoas em uso problemático de álcool e outras drogas. A temática da participação social de usuários de drogas justifica-se pela pouca visibilidade e pela abordagem contraditória com que aparece na literatura. Dar visibilidade considerando a perspectiva dos próprios usuários pode contribuir para a reflexão sobre as políticas públicas e o cuidado ofertado aos mesmos. O presente estudo coloca, então, a perspectiva de desenvolver uma leitura possível dessas trajetórias. Considerando que se trata de uma temática complexa, optamos por utilizar a cartografia associada ao esquizodrama como forma de apreensão das diferentes dimensões do processo, buscando uma produção do conhecimento a partir de uma abordagem rizomática e não linear, de maneira a dar conta da complexidade das trajetórias de vida no que diz respeito às diferentes formas de participação. Ao mesmo tempo, pretendemos explorar a relação existente entre o pesquisador e o seu campo de pesquisa e suposto objeto, considerando que ambos se afetam mutuamente a todo momento. A questão principal que anima este estudo, indaga, então: quais trajetórias participativas são desveladas a partir da aproximação com usuários de serviços para tratamento de álcool e outras drogas?

**Endereço:** Francisco Trein, 596 - Bloco H, 3º andar, Escola GHC (HNSC), sala 11  
**Bairro:** CRISTO REDENTOR **CEP:** 91.350-200  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3357-2407 **Fax:** (51)3357-2407 **E-mail:** cep-ghc@ghc.com.br



GRUPO HOSPITALAR  
CONCEIÇÃO/HOSPITAL  
NOSSA SENHORA DA



Continuação do Parecer: 1.289.778

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Compor um percurso vivencial, corpóreo e reflexivo sobre trajetórias participativas de usuários de drogas a partir serviços da Rede de Atenção Psicossocial de Porto Alegre, região metropolitana e Passo Fundo.

Refletir sobre os caminhos das políticas públicas sobre drogas desveladas a partir de práticas cotidianas no contexto do SUS.

Sistematizar práticas desenvolvidas no serviços que dialogam com o tema da participação social.

Refletir acerca de trajetórias de participação social reveladas a partir das vivências desenvolvidas em encontros grupais com usuários de drogas de serviços da Rede de Atenção Psicossocial.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O estudo não relaciona benefícios diretos aos participantes, mas remete a possibilidade de geração de conhecimentos para a área da saúde coletiva.

Os riscos são explicitados no TCLE de forma adequada.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este é um projeto de pesquisa apresentado para qualificação no Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva - Escola de Enfermagem da UFRGS do aluno Felipe Silveira da Costa, orientado pelo professor Alcides Silva de Miranda. É uma pesquisa exploratória e qualitativa para conhecer mais o problema dos usuários de drogas.

Elege-se na proposta desse trabalho o método cartográfico como possibilidade de mapeamento da realidade vivida a partir da interface do pesquisador com os cenários e os atores incluídos no estudo. Os registros dos encontros serão realizados através de gravações som, vídeo, imagens fotográficas e reunidas impressões em diário de campo estruturado a partir das etapas preparatórias das vivências. A reflexão acerca do material textual, imagético e sonoro produzido a partir do estudo deverá ser empreendida a partir dos pressupostos da análise de discurso em seu sentido mais amplo a considerar "textos" escritos, físicos, visuais compondo com os referenciais apresentados anteriormente.

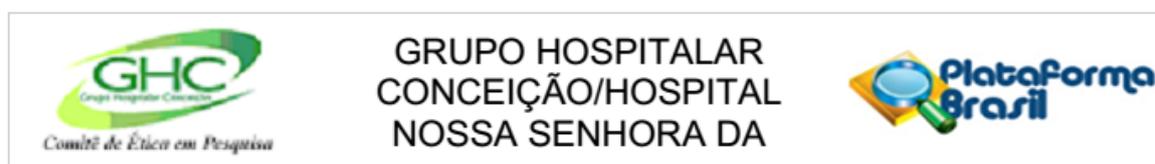
Primeiro encontro:

- O que significa participação social para você?
- Como ocorre a participação social na minha vida?
- Como ocorre a participação social para as pessoas que usam drogas?

Demais encontros:

- Como têm sido a relação da participação social com as atividades em que tenho participado no meu serviço e na minha comunidade?

**Endereço:** Francisco Trein, 596 - Bloco H, 3º andar, Escola GHC (HNSC), sala 11  
**Bairro:** CRISTO REDENTOR **CEP:** 91.350-200  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3357-2407 **Fax:** (51)3357-2407 **E-mail:** cep-ghc@ghc.com.br



Continuação do Parecer: 1.289.778

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta de forma adequada todos os termos obrigatórios.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram evidenciadas pendências ou inadequações. As pendências apontadas em uma primeira análise, conforme abaixo, foram atendidas.

1. Fazer constar os dados do CEP-GHC no TCLE. PENDÊNCIA ATENDIDA.
2. Apresentar o documento Lista de Integrantes da Pesquisa. PENDÊNCIA ATENDIDA.
3. Apresentar os currículos dos pesquisadores envolvidos. PENDÊNCIA ATENDIDA.
4. Apresentar o termo de compromisso de entrega de relatório. PENDÊNCIA ATENDIDA.
5. Apresentar termo de anuência da área do GHC onde será realizada a pesquisa. PENDÊNCIA ATENDIDA.

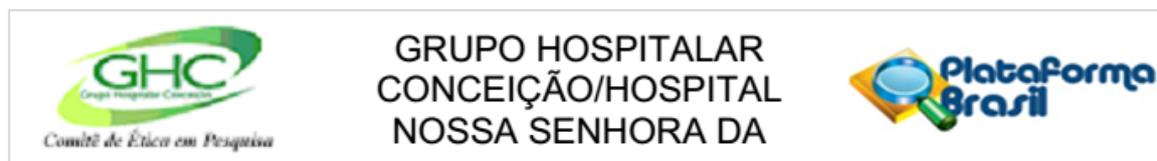
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista que todas as pendências apontadas anteriormente foram atendidas o Comitê de Ética em Pesquisa do GHC, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/2012, manifesta-se pela APROVAÇÃO do projeto de pesquisa proposto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                             | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                    | Situação |
|--|---|------------------------|--------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto             | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_581093.pdf  | 28/08/2015<br>17:25:35 |                          | Aceito   |
| Declaração de Pesquisadores                | DECLARACAO.pdf                                | 28/08/2015<br>17:24:14 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | Termo_de_anuencia.jpg                         | 28/08/2015<br>17:19:30 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros                                     | Relacao_dos_integrantes.jpg                   | 28/08/2015<br>17:03:47 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros                                     | PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1164980_E1.pdf | 28/08/2015<br>17:02:52 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros                                     | parecer_qualificacao.pdf                      | 28/08/2015<br>17:01:38 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros                                     | PARECER_CONSUBSTANCIADO_FELIPE.pdf            | 28/08/2015<br>17:00:07 | Alcides Silva de Miranda | Aceito   |
| Outros                                     | Curriculo_Lattes_Felipe.pdf                   | 28/08/2015             | Alcides Silva de         | Aceito   |

**Endereço:** Francisco Trein, 596 - Bloco H, 3º andar, Escola GHC (HNSC), sala 11  
**Bairro:** CRISTO REDENTOR **CEP:** 91.350-200  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3357-2407 **Fax:** (51)3357-2407 **E-mail:** cep-ghc@ghc.com.br



Continuação do Parecer: 1.289.778

|   |  |                        |                             |        |
|---|--|------------------------|-----------------------------|--------|
| Outros  | Curriculo_Lattes_Felipe.pdf  | 16:58:45               | Miranda                     | Aceito |
| Outros  | Curric_Lattes_Alcides.pdf  | 28/08/2015<br>16:58:08 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros  | Parecer_Compesq_Felipe.pdf   | 28/08/2015<br>16:56:23 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros  | Cartaz_convite_para_projeto.pdf  | 28/08/2015<br>16:54:27 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros  | Carta_ao_CEP.pdf   | 28/08/2015<br>16:53:16 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Outros  | Print_Sistema_UFRGS.pdf  | 28/08/2015<br>16:52:47 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Termo_de_compromisso.jpg   | 28/08/2015<br>16:51:38 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Termo_de_autorizacao_para_o_acesso_e_consulta_de_documentos_institucionais.pdf | 28/08/2015<br>16:50:07 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf                                 | 28/08/2015<br>16:47:27 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | projeto_de_qualific.pdf  | 28/08/2015<br>16:47:01 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |
| Folha de Rosto  | folhaderosto.pdf   | 28/08/2015<br>16:42:11 | Alcides Silva de<br>Miranda | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 21 de Outubro de 2015

Assinado por:  
Daniel Demétrio Faustino da Silva  
(Coordenador)

**Endereço:** Francisco Trein, 596 - Bloco H, 3º andar, Escola GHC (HNSC), sala 11  
**Bairro:** CRISTO REDENTOR **CEP:** 91.350-200  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3357-2407 **Fax:** (51)3357-2407 **E-mail:** cep-ghc@ghc.com.br